1º Semestre de 1906

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

O ESPIRITISMO EM PORTUGAL

OS CHARLATÃES DO SECULO XVIII EM LISBOA — O MESMERISMO — MAXIMO DE PUYSEGUR E O DUQUE DE LAFÕES — O CAVALHEIRO PINETTI — CAGLIOSTRO — O ESPIRITISMO E O CONDE DE THOMAR — A SOMNAMBULA ZANARDELLI

As sciencias occultas nunca se desenvolveram grandemente entre nós. Faltam-nos mesmo, para isso, condições fundamentaes de raça e inclusivamente de clima. O portuguez é um sensual, tem uma vida interior pouco intensa, não comprehende nem sente o mysterio. Ao contrario dos typos dolico-louros do norte, reflexivos, sonhadores, absorvidos n'um intenso psychismo, vivendo constantemente n'uma atmosphera estreita, n'um nevoeiro pesado,—nós somos, pelas condições da raça e do meio cosmico, uns sensualões indifferentes, objectivos, materiaes, espannejando-nos em pleno sol, incapazes de concentração, d'absorpção, e por conseguinte sem o mais leve sentimento do occulto e do sobrenatural. Foi precisamente a repugnancia dos latinos pelo mysterio, a sua tendencia á objectivação e á materialisação clara, que creou esse prodigio decorativo, colorido e sumptuoso que é o catholicismo romano. Nunca pudemos comprehender as formulas simplistas, a religião interior dos evangelicos. Os grandes mysticos portuguezes e hespanhoes eram creaturas sombriamente sensuaes, pendurando relicarios de prata nos bicos dos peitos, ensanguentando-se com disciplinas e puas de ferro, apaixonando-se carnalmente por imagens de santos e deliciando-se com as procissões de carocha e sambenito nos autos de fé. Nada que recorde, na vida intima dos conventos e das communidades, a parte abstracta, a parte transcendente, a parte nobre da pura crença. Não existe entre nós o verdadeiro espiritismo,—como nunca existiu a verdadeira religião.

O proprio *mesmerismo*, com as suas praticas brilhantes e apparatosas, não conseguiu, nos fins do seculo XVIII, direitos de cidade em Portugal. É certo que estiveram entre nós varios *commis-voyageurs* da nova sciencia occulta, passeando o seu impudor e a sua casaca de seda pelos melhores salões de Lisboa: mas, ao contrario das comicas italianas e hespanholas que nos visitavam, a Escamilha e a Gamarra, a Petronilha e a Zamparini,—nenhum d'esses homens fez fortuna. O primeiro que appareceu foi o illustre charlatão francez conde Maximo de Puysegur, que realisou algumas sessões de magnetismo animal em

O mesmerismo—Estampa do fim do seculo XVIII

casa do velho duque de Lafões, e que se retirou, ao fim de poucos mezes para não morrer de fome. Depois d'esse, surgiu o «Cavalheiro Pinetti», especie de magico-prestidigitador que o conde Marini, ministro da Sardenha, conseguiu introduzir no palacio de Queluz e apresentar na côrte. Por ultimo, fez a sua entrada solemne entre nós, pela mão d'Anselmo José da Cruz Sobral, o celebre conde de Stéphanis e marquez de Pelligrini, supremo charlatão italiano, philosopho hermetico e fazedor d'oiro, mais conhecido por José Balsamo e pelo titulo de conde de Cagliostro, ultimamente lembrado na brilhantissima comedia de Malheiro Dias. Pina Manique espreitava-os, perseguia-os. Tudo aquillo lhe cheirava á Encyclopédia e a jacobinismo. Punha-lhes na cola uma nuvem espessa de esbirros e de «*moscas*». Mas o que não poderia ter feito em Portugal a luneta d'oiro do Intendente, fel-o a indifferença e a pouca receptividade nacionaes. O «mesmerismo», apezar de ter agitado os espiritos e abalado a Faculdade de Medicina de Paris, não conseguiu entrar nos salões portuguezes do seculo XVIII,—com a facilidade das modinhas brazileiras e das obras de D'Alembert, dos minuetes de Gluck e dos livros de Rousseau. «*Le sieur Mesmer*» e os seus discipulos não fizeram fortuna entre nós.

Pouco mais de meio seculo depois, surgiu o «espiritismo», *le dernier cri* da sciencia occulta. Em 1848, em plena crise romantica da Europa, duas raparigas americanas viram varios objectos deslocar-se espontaneamente, ouviram ruidos mysteriosos que foram immediatamente interpretados,—e as revelações extraordinarias, recolhidas então, levaram a crêr que os espiritos dos mortos appareciam, impalpaveis, nevoentos, immateriaes, ordenando, actuando, vivendo uma segunda vida interminavel. A mania espirita fez rapidos progressos. Em 1853 invadia a França. Em 1860 já a tinhamos comnosco,—mas sem enthusiasmo de maior. O conde de Thomar, especie de Guizot grave e corruptor, dava no palacio do Poço Novo a primeira sessão de espiritismo. Reuniam-se sociedades, mysteriosamente, «para o culto». As lojas maçonicas tornavam-se centros de sciencia spirita. Já se começava a conversar com os espiritos, a vêl-os, a palpal-os, a interrogal-os. Faziam-se levitações de mesas enormes. O cyclo immenso das civilisações voltava á magia complexa da Thessalia, no *Liber Mirabilis* de S. Cesario, ás levitações de Jamblico em pleno sol, aos hexametros cantados por Edesio que faziam surgir os espiritos resplandecentes. Invadiram-nos os charlatães espiritas, como nos tinham invadido os charlatães do «mesmerismo» e da philosophia hermetica do seculo XVIII. Um typo curioso, o italiano Zanardelli, trouxe um *medium* magnifico, Emma Zanardelli, sua propria filha, e deu sessões de sciencia occulta no theatro do Gymnasio. Houve um momento em que a paixão espirita pareceu fixar-se,—mas desvaneceu-se logo, rapidamente, quasi sem deixar vestigios. Surgiu o medo do ridiculo, o snobismo da duvida. Sem condições ethnicas nem climatericas para sentir e iniciar-se com sinceridade na sciencia espirita, o portuguez de 1870, preferia ás sessões fraudulentas dos iniciados, na obscuridade ritual d'uma sala,—as recitas tumultuosas de S. Carlos, a voz d'oiro da Borghi-Mamo e o *maillot* côr de rosa das bailarinas.—«Os espiritos falam? Os espiritos movem-se? Os espiritos levantam mesas e deixam no barro a impressão dos dedos? Mas quem acredita isso? Quem pensa sequer n'isso?»—dizia a *jeunesse-dorée* despreoccupada e sensual, mandando bater para Cintra ou para o Dafundo, com a Joaquina dos Cordões ou com a Amalia Bexigosa. Entretanto, alguns pobres caturras reflexivos, franzindo a testa e demandando a casa mysteriosa de qualquer cenaculo espirita, continuavam a defender-se com a velha phrase de Montaigne:

«*C'est une sotte présomption de condamner pour faulx ce qui ne nous semble pas vraysemblable*».

O CLUB ESPIRITA DE D. ANTONIO PESSANHA ❀ O SR. SABBRA PRADO ❀ O MEDIUM ALBERTO POSSOLO ❀ A ACTRIZ MARIA FALCÃO ❀ AS FRAUDES DE UM MEDIUM INGLEZ ❀ UMA INCORPORAÇÃO NOTAVEL

D'ahi por diante, nos ultimos 30 ou 40 annos, qual tem sido a sorte e a evolução das sciencias occultas em Portugal?

Se confessarmos que ha presentemente em Paris vinte jornaes e revistas espiritas, quinhentos gabinetes de consulta e quarenta a cincoenta mil

Radiographia de força vital. Radiações emanadas da mão de uma mulher

iniciados, ao passo que entre nós existe apenas um jornal, nenhum centro e quasi nenhum espirita convicto,—temos de concluir que o moderno occultismo scientifico fez ainda menos proselytos em Portugal do que o «mesmerismo» do seculo XVIII e o espiritismo simples de 1860.

Entretanto, aqui ha trinta annos, alguma coisa se tentou ainda. Chegou mesmo a fundar-se um celebre club, de que foi presidente o velho D. Antonio Pessanha,—especie de patriarcha do occultismo entre nós, espirito complexo e curioso que deu em fazer medicina sem ser medico e vivia entre dregas e velhos livros empiricos como um iniciado na sciencia de Hermes. Os socios, que eram poucos, dividiam-se em dois grupos irreconciliavelmente separados: o grupo que fazia «culto», com toda a lithurgia primitiva e todo o mysticismo dos verdadeiros crentes, e o grupo dos progressivos, dos scientificos, cujo *leader* era o illustre engenheiro Angelo de Sarrea Prado, a quem muitas vezes nos referiremos,—hoje, sem duvida, um dos cultores mais eruditos e mais talentosos que teem as sciencias occultas entre nós. Sarrea Prado dirigia, com verdadeiro brilho, os trabalhos magneticos; o presidente, esse encarregava-se dos trabalhos de culto, dos trabalhos caracterisadamente espiritas. Havia tres reuniões por semana. Estavam confortavelmente installados. Na parede d'uma das salas via-se, emmoldurada a ouro, uma carta autographa de William Crookes a D. Antonio Pessanha, ácêrca da photographia espirita de Katie-King, celebre espirito cuja imagem corporea se formava *de toutes pièces* diante dos olhos do espectador, e que se tornára um dos espiritos familiares do club. As sessões eram quasi sempre brilhantes e fecundas em experimentações. Seguiam-se, passo a passo, todos os progressos da sciencia; respeitava-se o cerimonial e as praticas instituidas pelos mestres; D. Antonio Pessanha, absorvido, mãos sobre a mesa de pé de gallo, resurgindo toda a sua ancestralidade germanica de sonhador, parecia revestir não a sobrecasaca vulgar de todos os dias, mas a toga talar e a murça amarella dos theosophos e dos alchimistas da Renascença.

A actriz Maria Falcão

A actriz Amelia Vieira

A principio houve difficuldade em conseguir um bom *medium* para as sessões: mas por fim appareceram varios,—entre elles Alberto Possolo, *medium* escrevente e de incorporação notabilissimo, com o qual se conseguiram magnificas sessões de experimentação espirita que ficaram celebres entre os iniciados. Ia tambem ao club, por esse tempo, uma pequenita de 13 para 14 annos, quasi rachitica, tossindo sempre, acompanhada pela mãe: essa creança, que Sarrea Prado descobrira e que assistia a todas as sessões, era um *medium* assombroso, d'uma rara plasticidade, egualmente com aptidões de *medium* escrevente e de incorporação. *Sujet* admiravel, recebia notavelmente a suggestão no estado de vigilia: conseguiam-se d'ella as mais extraordinarias coisas. Sarrea Prado, vendo-a enfezada, pallida, com o peito mettido para dentro, sem desenvolvimento e sem capacidade respiratoria, lembrou-se de que a pobre pequena podia aproveitar tambem com as experiencias que sobre ella se faziam, e suggeria-lhe então, dia a dia, a necessidade de respirar profundamente, de desdobrar os pulmões, de endireitar

Madame Lacombe

A actriz Umbellina

William Crookes

Sr. dr. May Figueira

o thorax para desenvolver-se, de alimentar-se melhor, de fazer exercicio. Ao fim d'alguns annos, a pobre rapariga estava outra, saudavel, gorda, florescente, casava, tinha dois filhos relativamente robustos, entrava no theatro,—e é hoje a distincta actriz Maria Falcão, bem conhecida dos nossos leitores, durante bastante tempo escripturada da empreza Brazão e Rosas e ultimamente em vesperas de partir em *tournée* para o Brazil. Quem dirá, ao vêl-a agora, na exuberancia da sua belleza em plena maturação, que era ella a pobre pequena rachitica, pallida, encolhida, que servia de *medium* escrevente, ha vinte e tantos annos, nas reuniões espiritas de D. Antonio Pessanha?

De ordinario, era sempre com Maria Falcão e com Alberto Possolo que se trabalhava. Um dia, porém, lembraram-se de mandar vir de Inglaterra, por intermedio d'um jornal espirita de Londres, um *medium* inglez garantido, recommendado, capaz de prestar-se ás altas experimentações do occultismo moderno. Cotisaram-se todos os socios, fixou-se uma quantia, e o *medium* veiu. Era um rapaz alto, loiro, herculeo, com o ar ao mesmo tempo leve e forte d'um *clown*. A principio agradou aos experimentadores; mas, passados mezes, as fraudes eram já tão repetidas e tão grosseiras que tiveram de o mandar embora. D. Antonio Pessanha teve um desgosto profundo, porque o inglez incorporára um dia o espirito de certa dama do seu conhecimento, já fallecida, com tanta semelhança de attitudes, de gestos e inclusivamente de lettra, que o velho philosopho empallideceu, ia tendo uma syncope, e acabou por dirigir-se ao *medium*, de braços abertos, desvairado:

—«É ella! É ella! É ella!»

A commoção foi grande, e o velho D. Antonio, d'ahi a pouco, caminhava verdadeira e decididamente para o mundo dos espiritos. O club pouco mais tempo durou. Falharam os socios. O espiritismo em Portugal não passava d'um pretexto para o divertimento pittoresco, mas nem sempre inoffensivo, das fraudes. Como os espiritas inglezes, francezes e russos, nunca soubemos o que era entrar, abertamente, na poeira d'oiro luminosa do sobrenatural.

UMA SESSÃO DE HYPNOTISMO HA TRINTA ANNOS ◎ A HESPANHOLA CAROLINA ◎ NO RESTAURANT SILVA ◉ O MARQUEZ DE FONTES E O SR. SARREA PRADO ◎ BERNARDO PINDELLA E CARLOS MAYER ◎ O POETA DA «MANTITHA DE RENDA» E O DR. MAY FIGUEIRA ◎ UM DESMAIO DO SR. DR. EDUARDO BURNAY

Ficou celebre, aqui ha vinte e tantos annos, certa sessão de espiritismo realisada, altas horas da noite, no restaurante Silva, e a que assistiram alguns rapazes, hoje altamente collocados, ao tempo espiritas convictos e ferozes.

Fontes Ganhado, depois marquez de Fontes, tinha descoberto um *medium* admiravel, uma linda rapariga hespanhola, com uma carnação opulenta de Rubens, uns bellos olhos pretos d'um brilho metallico, que, além de ser uma forte e bella mulher, era ao mesmo tempo um *sujet* de demonstração verdadeiramente typico. É claro, correu logo a participar aos amigos espiritas o apparecimento d'aquella joia. Sarrea Prado, então pontifice maximo, marcou a primeira sessão para determinada noite, no Silva, e fez os convites para a ceia. Foram a essa sessão memoravel, além de Fontes Ganhado, o galante e fidalgo Bernardo Pindella, hoje conde d'Arnoso, Carlos Mayer, Eduardo Burnay, então simples quintanista de medicina, o dr. May Figueira, a principio sceptico e por fim devoto, Fernando Caldeira, um enthusiasta, o dr. Ordaz recentemente iniciado, e outros, muitos outros, que vestiam como diaconos a dalmatica dos officios spiritas.

Começaram as experiencias. A rapariga chegara havia pouco, n'um trem, com Fontes. Tremia, estava immensamente pallida, notava-se-lhe uma verdadeira convulsão fibrillar dos beiços, mas ria muito, ria sempre, passando entre os dedos, em movimentos nervosos, a ponta de renda da mantilha. Installaram-na n'uma poltrona. D'ahi a pouco, Sarrea Prado, sem os passes do ritual antigo, simplesmente, collocou-lhe os dedos sobre as palpebras, e, ordenando-lhe que dormisse, fel-a cahir n'uma profunda hypnose. Os iniciados, em silencio, assistiam á experiencia. Eduardo

Burnay, a um canto, impressionado, mais pallido ainda do que a hespanhola, olhava de longe aquella estranha scena a que não assistira ainda, apezar de estudante de medicina. Os membros do *sujet* estavam flaccidos: May Figueira constatára a insensibilidade da pelle e das mucosas. Então, Sarrea Prado voltou a abrir-lhe os olhos, em frente d'uma luz, — e a pobre rapariga entrou na phase cataleptica: tomava as fórmas, as attitudes que se lhe queria dar, immobilisava-se nas mais inverosimeis posições, como uma estatua. Pela face imberbe do moço Burnay, que parecia um Amor de Watteau... de fraque, escorria um suor frio d'afflicção e d'agonia. Estava impressionadissimo, as pernas vacillavam-lhe, sentia-se empallidecer, fugia-lhe a vista. — «Que tens tu, Eduardo?» — perguntava-lhe Carlos Mayer, extranhando-o. — «Nada, absolutamente nada...» — respondia elle, approximando-se mais do *sujet*, para mostrar que não tinha medo, que não podia ter medo, que estava apenas mal do estomago, — uma *galantine* pôdre que comera ao jantar. Entretanto, pela producção de nova excitação cortical, a hespanhola entrára na terceira phase, a do somnambulismo, a das «suggestões», — e muito pallida, o braço erguido, os olhos vitreos, immoveis, pasmados, tentou um passo na vacillação solemne dos somnambulos, e depois d'uma hesitação, d'uma tremura, dirigiu-se lentamente para o moço estudante de medicina, que levava aos beiços, para reanimar-se, uma taça de Champagne. Os iniciados afastaram-se, n'um silencio. — «Para onde iria ella? Que iria ella fazer?», — perguntavam mentalmente, olhos fixos no *sujet*, seguindo-lhe as oscillações do vestido branco. Mas n'isto, sentiu-se o tinir d'um cristal que se parte, e logo em seguida o rumor surdo d'um corpo cahindo no sobrado. Todos se voltaram: Eduardo Burnay desmaiára.

Calcule-se o reboliço a que este inesperado acontecimento deu logar. Sarrea Prado acordou immediatamente a hespanhola. O dr. May Figueira, tomando um bochecho d'agua, borrifava o estudante. Carlos Mayer, atarantado, afflicto, corria a chamar um trem. Só Fernando Caldeira, o poeta adoravel da *Mantilha de Renda*, passeava pelo pequeno gabinete do Silva, cheio de enthusiasmo, esfregando as mãos e repetindo constantemente na sua voz ao mesmo tempo dôce e firme de *charmeur*:

— «Bella sessão, caramba! Bella sessão!»

E já lá vão trinta annos! Como o illustre director politico do *Jornal do Commercio* e o sabio lente da Escola Polytechnica deve sentir hoje uma profunda saudade, ao recordar o seu desmaio infantil, n'um gabinete do Silva, vendo hypnotisar uma hespanhola!

O ESPIRITISMO NO THEATRO DE D. MARIA II ◉ O SR. MARCELLINO DE MESQUITA E A SOMNAMBULA ZANARDELLI ◉ DOIS «SUJETS» DE DEMONSTRAÇÃO ◉ A ACTRIZ AMELIA DA SILVEIRA, A ACTRIZ UMBELLINA ◉ O DR. BETTENCOURT RODRIGUES ◉ HISTORIA DE UMAS LUVAS

Durante algum tempo o theatro de D. Maria, no principio da empreza Rozas e Brazão, foi o centro escolhido pelos iniciados para as praticas de hypnotismo e de espiritismo.

Tinha estado em Lisboa a somnambula e *medium* Emma Zanardelli, dando sessões no theatro do Gymnasio e fazendo relativo successo. Marcellino de Mesquita, então estudante de medicina, puxando a pera n'uma fanfarronada de enthusiasmo, predicava espiritismo pelas mesas do Martinho, e para iniciar-se na lithurgia occulta visitava a Zanardelli e o marido, então hospedados no Hotel Alliança. O «culto» pareceu por instantes fixar-se. Começou-se a falar de hypnotismo e de espiritismo nos camarins do theatro de D. Maria. Sarrea Prado, que ao tempo frequentava bastante os bastidores, como era quasi obrigação da para *jeunesse-dorée*, e que notára havia muito o nervosismo, a extrema vibratilidade, a accentuada hysteria da actriz Amelia da Silveira, linda mulher, mais tarde morta no Brazil, tentou experimental-a como *sujet* de demonstração. O resultado foi muito além da espectativa. A distincta actriz excedeu tudo quanto poderia suppôr-se. Nunca entre nós, dizem ainda hoje os iniciados que a conheceram, houve um exemplar mais profundamente typico, não só como *sujet* de demonstração magnetica, mas como *me-*

Sr. Marquez de Fontes

Sr. Jorge O'Neill

Sr. Fernando de Lacerda

Fernando Caldeira

Materialisação de Katie King

dium. Sarrea Prado conseguiu tudo d'ella. As vezes mudava-lhe a personalidade e deixava-a andar, perdida, alheada, rindo, chorando, tomando attitudes passionaes e extravagantes, até que a despertava e a restituia á personalidade propria. *Médium* escrevente e de incorporação verdadeiramente notavel, obtiveram-se com ella graphicos medianimicos interessantes, alguns dos quaes produzidos por um espirito galhofeiro que dictava sentenças em latim e se assignava — «*raiz quadrada de X*». Ainda como *sujet* magnetico, exercia-se sobre ella, facilmente, a «acção a distancia». Uma bella noite, estava Sarrea Prado no Martinho, entrou Fernando Caldeira, vindo de D. Maria, onde deixára Amelia da Silveira a conversar, rodeada de admiradores. Assim que viu o Pontifice, Fernando dirigiu-se a elle e disse-lhe á queima roupa:

— «Aposto que não és capaz de magnetisar d'aqui a Amelia da Silveira!»

Sarrea Prado informou-se, perguntou onde ella estava, quaes as pessoas que a rodeavam, disse a Fernando Caldeira que entrasse no theatro, que se dirigisse a essa pequenina caixa de amendoas que é hoje o camarim de Cecilia Machado e onde se vestia então a antiga dama-galan da companhia de D. Maria, e affirmou-lhe que d'ali a dez minutos, contados pelo relogio, Amelia da Silveira estaria adormecida. O poeta da *Mantilha de Renda* assim fez. Ao entrar no camarim viu-a a rir, muito alegre, muito cheia de espirito, recostada n'um pequeno sophá azul, a conversar n'uma roda de actores e de *habitués*. Sentou-se, com a maior naturalidade do mundo, e affagando a sua barba loira que estava a pedir o gibão negro e a volta branca dos syndicos de Rembrandt, entrou sem esforço na conversa. D'ahi a pouco, a actriz, até ahi magnificamente disposta, começou a sentir-se inquieta, a empallidecer, a sacudir-se em convulsões quasi imperceptiveis, a bocejar, e por fim, bruscamente, no meio de uma anecdota galante que estavam contando, a face descahiu-lhe e ficou dormindo. Fernando Caldeira olhou o relogio: tinham passado dez minutos certos.

É curioso que tambem Amelia da Silveira recebia facilmente a suggestão no estado de vigilia. Certo dia, Sarrea Prado, encontrando-se de passagem na rua e indo ella a calçar as luvas, disse-lhe quasi ao acaso, por brincadeira, como podia dizer outra coisa:

— «Não tens vergonha! Nem sabes abotoar as luvas!»

Passou-se quasi um mez e Sarrea Prado não voltou a encontral-a, nem a lembrar-se de semelhante incidente. Chegou, porém, a noite da primeira representação d'uma comedia franceza em que Amelia da Silveira entrava, e cujo 2.º acto se passava n'um baile. No intervallo, o illustre engenheiro foi ao palco, como era seu costume, a casaca irreprehensivel, o monoculo cravado na orbita, um sorriso intelligente a franzir-lhe os labios. Já tinham batido as tres pancadas de Molière. Ia começar o 2.º acto. N'isto Amelia da Silveira, prestes a entrar em scena, surge entre bastidores, vê-o, arregaça o vestido de cauda, corre para elle como uma doida e estendendo-lhe os punhos com as luvas de canhão desabotoadas, pede-lhe, roga-lhe, supplica-lhe n'uma afflicção:

— «Deixe-me abotoar as luvas, senhor Sarrea Prado! Pelo amor de Deus! Olhe que tenho de entrar em scena!»

O theatro de D. Maria convertera-se n'um centro de experimentação magnetica e espirita. Passado tempo já não era apenas esse o *sujet*. A actriz Umbellina revelára-se um bello *medium*, e Maria

Radiographia de aura etherisada. Vibração, em movimento giratorio, de força etherea na aura de uma rapariga, em correlação com a sua força odica, exteriorisada sob a influencia de uma violenta emoção de colera

Falcão, a antiga pequena rachitica que ia com a mãe ao club do D. Antonio Pessanha, então já affirmada como artista de valor e apontada como linda mulher, continuava a manifestar-se, nas mãos de Sarrea Prado, um excepcional *sujet* de demonstração. Por esse tempo chegava a Lisboa, de regresso, o medico Bettencourt Rodrigues, que fôra a Paris estudar com Charcot e Richet e que vinha tentar entre nós um curso de psychiatria. Como corria a fama de que o grave theatro normal era um centro espirita, o antigo discipulo da *Salpêtrière* quiz conhecer Amelia da Silveira. Realisaram-se então varias sessões a que assistiram o dr. Amaral, o dr. Ordaz, Marcellino de Mesquita e outros medicos. Chegaram a levar a actriz ao hospital. Mas um dia, com o enthusiasmo, tão brutaes beliscões lhe deram para exploração das sensibilidades no estado de hypnose... que lhe arrancaram um bocado de pelle do braço!

Sr. Marquez da Foz

CONGRESSOS ESPIRITAS ◉ O CONDE DAS E O SR. MARQUEZ DA FOZ ◉ O SR. JORGE O'NEILL E OS ESPECTROS ◉ O ESPIRITO DA KATIE KING ◉ PHOTOGRAPHIAS E PSYCHOGRAPHIAS ◉ MADAME LACOMBE E O MEDIUM EUSAPIA PALLADINO ◉ O DR. LOURENÇO DA FONSECA ◉ PHENOMENOS OCCULTOS

Em 1888 realisava-se em Barcelona um notavel congresso espirita. Em 1889 succedera-se o congresso de Paris. As noticias trazidas pela Havas interessaram e agitaram o nosso meio. Começaram a apparecer photographias de espectros, que desbancavam a Katie King, de William Crookes. O culto espirita conseguiu ter um breve momento de fortuna entre nós.

A chegada do conde Das a Lisboa, em 1889, trazendo um soberbo *medium*, a condessa Das, linda mulher de perfil romano de medalhão e olhos immensos, levou o enthusiasmo ao rubro. Como nos fins do seculo XVIII Anselmo da Cruz Sobral recebia no seu palacio o conde de Stéphanis,—o sr. marquez da Foz, nos fins do seculo XIX, abriu as suas salas ao notavel occultista italiano. A sessão então realisada em casa do mais artista dos nossos fidalgos, assistiu a *fleur des pois* espirita de Lisboa. Foram curiosissimas as experiencias feitas. A condessa Das, com os olhos vendados, em estado de somnambulismo, jogou o dominó com as pessoas presentes. Não se sabia como admiral-a mais—se como mulher, se como *sujet* de demonstração. Mas o illustre charlatão genovez não se contentou com a exhibição em palacios: quiz tambem exhibir-se no theatro, e escolheu para isso o theatro de D. Maria II. Nas experiencias d'esse espectaculo a actriz Maria Falcão, que n'elle tomava parte como *sujet*, foi attrahida por um íman, tão claramente, tão nitidamente, como uma simples agulha magnetica.

Passado tempo realisavam-se sessões d'alto espiritismo em casa do sr. Jorge O'Neill, que, com uma phantasia nevoenta de verdadeiro fidalgo irlandez, pedia pouco depois ao photographo Bobone para ir photographar os espectros que lhe povoavam as salas. D'ahi por diante, succederam as mais singulares coisas. O fallecido medico ophtalmologista Lourenço da Fonseca ia endoidecendo com a mania espirita, depois de certa sessão *réussie* em casa d'uma hespanhola que morava na rua das Chagas. Alberto Possolo, incarnando o espirito da Katie King, cura dos ataques um carpinteiro epileptico chamado Eduardo. Um medico illustre, profundo agitador de idéas, envia a Berlim uma radiographia da vibração em movimento giratorio da aura etherea de certo *sujet*, e a psychographia do agente d'obsessão d'uma hysterica, demonio ou satyro cornicabro. Sarrea Prado, influenciado pela leitura dos trabalhos da Sociedade Theosophica de Madrasta, consegue tornar invisivel uma flôr que atira pelos ares. Por ultimo, Madame Lacombe, uma illustre e talentosa senhora, filha do velho maestro Frondoni e esposa do engenheiro francez Mr. Lacombe, viaja pela Italia, põe-se em contacto com Eusapia Palladino, o celebre *medium* que fez falar e deslocar uma mesa diante de Lombroso e de Tamburini, e regressa trazendo o mais curioso album de documentos medianimicos que existe hoje em Portugal.

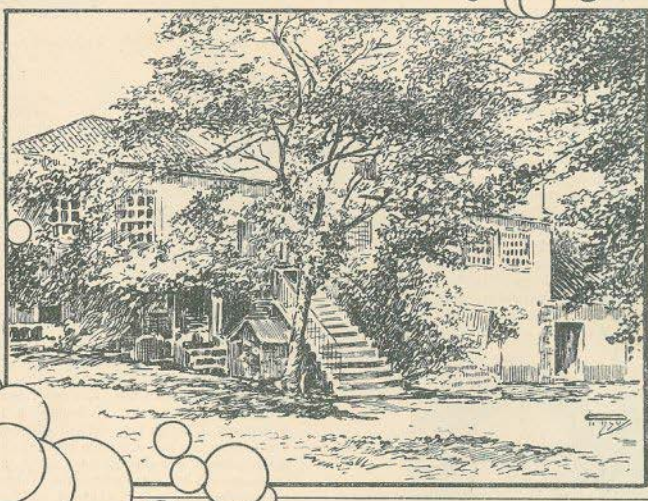
É isto o que, de mais curioso, têm produzido entre nós as sciencias occultas. Quanto aos phenomenos spiritas elementares, levitação, mesas falantes, etc., a sciencia explica-os pelo automatismo psychologico: quando uma idéa fixa occupa os centros cerebraes superiores, o polygono dos centros inferiores, automaticos, entra em vibração contra vontade do individuo e dirige o experimentador. É o mesmo automatismo que se manifesta pathologicamente na hysteria. Todo o bom *medium* é uma creatura nevrosada. Quanto ao resto, phenomenos telepathicos, photographias espiritas... diremos como o professor Charles Richet e com as suas palavras fechamos este artigo simplesmente anecdotico:

«*Nous avons la ferme conviction qu'il a mêlées aux forces connues et décrites, des forces que nous ne connaissons pas; que l'explication mécanique, simple, vulgaire, ne suffit pas à expliquer tout ce que se passe autour de nous; en un mot, qu'il y a des phenomènes psychiques occultes, et si nous disons «occultes», c'est un mot qui veut dire simplement inconnus.*»

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Ha escriptores que vivem para a sua obra, imprimindo-lhe quer na idéa ou na fórma a serenidade moral de uma alta missão, em que a personalidade se apaga ante a concepção philosophica ou a idealisação artistica; outros escriptores, vibrando de emoção na hyperesthesia em que se debatem, descarregam o excesso do influxo nervoso em tudo quanto concebem, exprimem ou a que dão fórma. A sua obra é uma completa autobiographia, que só póde ser comprehendida e julgada pelos accidentes da personalidade, nos casos episodicos da vida, no ironismo, nos desalentos e revoltas contra a fatalidade organica. Antes de serem obras de arte, os seus livros são documentos psychologicos, hoje consultados pelos que estudam os phenomenos nevropathicos. = Quem procurar comprehender a vida de Camillo Castello Branco, torturada, tempestuosa, exacerbada pelo seu nervosismo pessimista, por uma sensibilidade exquisita que o tornara affectivo para mais o desalentar com as decepções que o impel-

liam ás provocações sarcasticas, não achará melhor documento de consulta do que os seus proprios livros. Por quasi toda a sua obra, Camillo deixou escapar referencias autobiographicas, podendo recompôr-se por ellas a sua individualidade original, desde os primeiros annos de vida na aldeia, até aos dias amargos da doença, do esgotamento intellectual, e da situação pathologica que do desespêro o levou ao suicidio. Sendo estas pittorescas reminiscencias pessoaes systematicamente coordenadas, ellas constituem um livro sincero no gosto das *Confissões* de Rousseau. Camillo não teve a serenidade de espirito para interrogar todas as suas memorias, e concluir

Camillo Castello Branco nasceu em Lisboa em 16 de Março de 1825. Filho natural de Manuel Joaquim Botelho Castello Branco, de uma familia afidalgada de Villa Real, e de D. Jacintha Rosa de Almeida do Espirito Santo, a sua existencia evolucionou sob a hereditariedade de uma nevrose que o arrebatou a prematuras aventuras, que lhe exacerbou a imaginação e a sensibilidade dando-lhe o maximo relêvo ao seu talento, envolvendo-o em conflictos e polemicas, e por ultimo impellindo-o á catastrophe do suicidio. E' impossivel julgar com verdade o fecundo e poderoso escriptor sem a luz da psychologia morbida, tal como Maudsley tem estabelecido no exame scientifico da physio-

Casa de S. Miguel de Seide

pela pergunta que lhes fez Anthero no sublime Soneto — Se valeu a pena ter vivido, luctado, idealisado? Reunindo as referencias pessoaes espalhadas pela sua obra, em ordem a formar a linha ascensional da sua vida, acham-se logo as condições sob que aquelle talento se revela, se modifica, desde a sua iniciação pelo theatro e pelos estudos theologicos até fixar a fórma definitiva da sua vocação — o Romance, de que elle foi o fundador na litteratura portugueza moderna. As luctas de uma vida agitada por amores e urgencias materiaes obrigaram-o a procurar no Romance os recursos da existencia; e essas crises passionaes e economicas reflectiram-se nas tres maneiras em que moldou estas creações artisticas.

logia e pathologia do espirito. E observando a carreira do escriptor, póde-se com segurança adoptar como fórmula synthetica esta sentença fundamental de Maudsley: «Na etiologia das desordens mentaes, as investigações devem fazer-se sob o ponto de vista social.» Foi n'essa terrivel época de instabilidade politica depois da *Villafrancada*, n'essa intransigencia entre *Apostolicos* e liberaes, que se effectuou a geração do escriptor, em uma aventura amorosa, que se reflectiu sempre no seu temperamento. Quando Camillo nasceu, existia já d'essa união romanesca uma menina, irmã mais velha, que não soube compensal-o da sua prematura orphandade. Camillo ficara orphão de mãe nos primeiros mezes de recem-nascido, sendo por

isso entregue a uma pobre mulher mercenaria de Coimbra para o amamentar. Que infantilidade aos tombos, que tinham de repercutir-se no seu organismo, se conseguisse resistir! Não contava bem nove annos quando perdeu o pae, em 1834, levado *pela demencia* a uma congestão cerebral, como o proprio escriptor allude. Essa data representa a queda definitiva do regimem absolutista, em que se equilibrava uma grande parte da sociedade portugueza. Em face do acontecimento inesperado da morte do pae, as duas creanças foram remettidas para os parentes de Villa Real, aos cuidados de uma tia paterna D. Rita Emilia da Veiga Castello Branco, que em presença d'estas desventuras recordava outras sombrias fatalidades que perseguiam os membros da sua familia. Camillo, assim desde creança, costumou-se a considerar-se destinado ao infortunio, e se a vida simples de provincia podia corrigir-lhe a nevrose hereditaria, aquellas tradições de familia que o impresionavam, suscitaram-lhe a psychose pessimista que lhe dirigiu a existencia no sentido de uma lucta sem objectivo, a visão do mundo sob o aspecto da ironia provocadora, com uma preoccupação de suicidio, que sob uma impressão de desalento se tornou uma realidade. Nas *Memorias do Carcere*, o escriptor allude á sua infancia tumultuosa, quando foi remettido para Villa Real: «a minha primeira paragem depois que a orphandade, aos nove annos, com a sua escolta de infortunios começou a andar comigo de inferno em inferno». Aquella natureza sensivel parece que devia encontrar na soltura dos campos no grande ár, no contraste com a gente rude uma saudavel pacificação. Foram felizes os annos passados na aldeia da Samardan em casa de seu tio o padre Antonio de Azevedo, que lhe deu as primeiras lições de latim e de cantochão, com o qual resava os officios divinos do breviario, e a quem ajudava á missa de madrugada. N'esta vida monotona do presbyterio, Camillo lia algum pobre livro sáfaro de ideias, e quando podia escapava-se com as cabras para o monte, onde a contemplação do mundo physico o doutrinava mais do que o ascetismo do tio padre, que lhe dava para lêr os *Annaes da propagação da Fé*, o *Teatro de los Dioses*, as *Viagens de Cyro*, ou ainda a *Historia de Portugal*, por uma Sociedade de Escriptores inglezes, traduzida por Moraes e Silva. Tambem acertou de pôr os olhos nas *Peregrinações* de Fernão Mendes Pinto, e tomou conhecimento dos *Lusiadas*. Estes livros incongruentes entre si, ajudavam a desvairal-o; a phantasia libertava-se da emoção dos inventados martyrios dos missionarios catholicos com as metamorphoses dos deuses da Fabula; as peripecias incolores do romance atrazado vinham dar todo o relêvo da realidade á pintura das longas viagens de Mendes Pinto. O sentimento poetico era acordado pelos *Lusiadas* por uma intuição que denunciava o genio artistico. A vida solta dos campos, na sua prolongada solidão, deu-lhe um precôce caracter de individualidade inconsiderada e aventurosa. E' assim que o rapaz travêsso, de dezaseis annos, casa em 18 de agosto de 1841 com uma moça de San Cosme de Gondomar, mais velha do que elle; os amôres começaram nos divertimentos populares das encamisadas, das cantigas no desafio, das representações de Autos de Mouriscadas e Reisadas, em que Camillo era o improvisador, o ensaiador e o protagonista. A Maria Joaquina, domiciliada em Friume, foi seduzida pelo talento do rapaz, e o pae d'ella, ex-alfaiate feito negociante de comestiveis e fazendas, entendeu por bem sanar tudo pelo casamento, planeando auxiliar os estudos de Camillo para vir a ter um genro de boa familia e com carta de doutor. Camillo entrara no mundo do Romance do realismo crú; no meio dos folguêdos po-

Camillo em 1869

A casa da primeira mulher de Camillo, em Friume

D. Anna Placido, viscondessa de Correia Botelho, segunda mulher de Camillo

Uma caricatura celebre de Raphael Bordallo:—Camillo visconde enxotando Camillo homem de genio

pulares aprendera a observar os typos espontaneos e esses fidalgos provincianos que povôam a sua extensa galeria. O repentismo da chalaça popular acordou-lhe o poder do sarcasmo, que foi a principal força do seu estylo. O genio satirico, provocado pela natural irritabilidade ante os contrastes do meio social, creou-lhe as primeiras difficuldades. Pediram-lhe uns versos burlescos contra uma familia que embaraçava um casamento na Ribeira de Pena; conheceram nas quadras a unha do leão, e o rapaz insolente, ameaçado de morte, abandonou a aula de latim do padre Manuel da Lixa ante a colera dos despeitados de Fruime. Camillo vem para o Porto e em seguida para Lisboa, d'onde os parentes o fizeram sair por falta de recursos, apparecendo em 1843 a matricular-se em 16 de outubro na Escola Medica portuense. A vida de estudante pobre n'esta cidade burgueza e dinheirosa, pelo isolamento a que se via forçado, acirrava-lhe o temperamento sarcastico e observador que viria a fazer de Camillo um romancista, dando por fundo dos seus quadros esse velho Porto, que hoje sobrevive archeologicamente na sua obra litteraria. A frequencia em 1844, na Academia Polytechnica, das cadeiras de chimica e botanica, deu-lhe a tintura scientifica, que entre as locuções populares das suas pittorescas descripções realça pela incomparavel variedade do seu rico vocabulario. Camillo frequentava as festas dos Abadessados, e pela intimidade com Faustino Xavier de Novaes, tornou-se-lhe preponderante a tendencia satirica, publicando em 1845 o folheto em verso *O Juizo universal* e o *Sonho do Inferno*. Vae n'esse mesmo anno para Coimbra, demorando-se ahi pouco tempo; quando no anno seguinte voltava a Coimbra para completar os preparatorios do Páteo (Lyceu), é preso na Relação do Porto a requisição da familia, por motivo de uma aventura amorosa com a joven Patricia Emilia, da qual teve nascimento uma filha. Estava-se nas tormentosas luctas de Cartistas contra Setembristas vencidos, e ahi na cadeia da Relação Camillo conheceu muitos prezos politicos e durante este pouco tempo de de-

Janella do quarto em que esteve preso Camillo na cadeia da Relação do Porto e onde escreveu o «Amôr de Perdição»

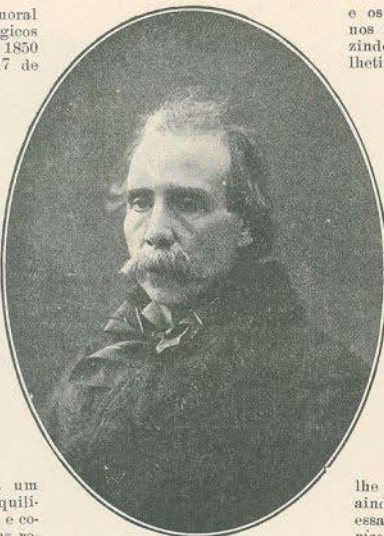
Camillo em 1870

tenção adquiriu essa desdenhosa indifferença que o affastou de todas as facções politicas que se succederam até á sua morte na devastação d'este paiz. Intimada a soltura, partiu para Coimbra, vivendo n'esse anno na rua de Coruche, onde começou os primeiros capitulos de um romance que intitulava *Mysterios de Coimbra*. Era a imitação inconsciente da obra de Eugenio Sue, que produzia grande ruido; elle entrava na corrente de exaltação sentimental do ultra-romantismo, de que nunca mais conseguiu libertar-se, e que caracterisa a expressão esthetica dos seus romances. Em consequencia da revolução de 1846, chamada da Maria da Fonte, as aulas foram fechadas e Camillo teve de regressar a Villa Real. Os antigos divertimentos dramaticos da sua adolescencia suggerem-lhe ali a paixão pelo theatro, e em 1847 escreve o seu primeiro drama, *Agostinho de Ceuta*, para ser representado por uns curiosos de provincia; seguia o typo do *dramalhão* fixado por Mendes Leal nos *Dois Renegados*, com a sua imprescindivel xácara. O mesmo exaggero ultra-romantico se reflectia na poesia lyrica, em que tomando a sério phantasticos desgostos, idealisava uma *Harpa do Sceptico*, em que a psychose do suicidio faz a sua primeira manifestação. Considerando portanto a instabilidade do meio social, de que a revolução da *Patuléa* era o prolongamento, e a hyperesthesia sentimental de uma litteratura desvairada, póde-se prevêr como tudo convergia para desconcertar esse organismo impressionista. N'este ponto é que comprehendemos a verdade da observação de Maudsley:—«A loucura é um phenomeno social.» Camillo, longe de reagir contra o meio social, lisonjeou-o como litterato, creando o seu publico. A idéa do suicidio, que lhe fulgira aos quatorze annos, tomára um maior relêvo em 1847, preparando-se por causa de um desalento amoroso para matar-se com morphina; um dia essa idéa, actuando sobre os centros inconscientes, fará do suicidio uma tendencia invencivel e um acto automatico. Em 1848 Camillo fixou a residencia no Porto, publicando n'esse anno *A Murraça*, poemeto héroi-comico celebrando a scena de pugilato que se dera na Sé entre um padre] e um arcediago. O successo ou exito do folheto *Maria, não me mates, que sou tua mãe*, em que fazia vibrar o sentimento popular, narrando o crime acontecido em Lisboa, do matricidio da famigerada Maria José, veiu revelar-lhe que a sua penna era um poder, e que a ella pediria a sua independencia; começa então a collaborar nos jornaes politicos e litterarios como o *Nacional*, a *Revista do Porto*, e escreve o drama o *Marquez de Torres Novas*, sobre a celebre intriga da côrte de D. João III, procurando, pelo seu temperamento, situações violentas. Em 1850 toma parte na polemica que se travara entre Herculano e alguns padres que degladiavam pelo milagre de Campo de Ourique; Herculano julgava-o pouco instruido, e não lhe agradou a defeza. Camillo approximara-se do fervor da sua vocação, e n'esse anno escreve o primeiro romance—*O Anathema*. No meio de uma sociedade elegante, com quem hombreava em dandysmo, sentimentalismo e aventuras romanescas, frequentava os cafés e theatros em companhia de amantes tragicos como Jorge Arthur e José Augusto, que vivem nas suas paginas litterarias; na intimidade de exaltados e melancholicos, como D. João de Menezes e Evaristo Basto. Profundos desfallecimentos repentinamente o assaltavam, e em uma d'essas cri

O Camillo do «Album das Glorias». Caricatura de Raphael Bordallo

ses no intuito do suicidio moral frequenta os estudos theologicos no Seminario episcopal, de 1850 a 1852, requerendo em 17 de Março d'esse anno para tomar ordens menores. Uma nova sobreexcitação attrae-o outra vez para o mundo; congraça-se com a fórma de drama, escrevendo os *Espinhos e Flores*, e collaborando com artigos religiosos no jornal clerical *A Cruz;* absorve-se na elaboração do romance, conforme os modelos de Frederico Soulée e de Eugenio Sue. Esta feição litteraria ultra-romantica accentua-se nos *Mysterios de Lisboa* de 1853, no *Livro negro do Padre Diniz*, e na *Filha do Arcediago*, de 1855. Passara-lhe pela mente uma aventura: ir para o Brazil; porém, a aspiração litteraria dá-lhe já um appoio na vida, em que se equilibra, entregando-se de alma e coração á concepção dos seus romances de costumes portuguezes; de 1856 a 1857 ausenta-se do Porto, confina-se em Vianna do Castello, onde escreve os romances *Carlota Angela*, as *Scenas contemporaneas*, e a obra prima da sua primeira maneira *Onde está a felicidade*. Alexandre Herculano no prologo das *Lendas e Narrativas* saudou o novo talento iniciador que vinha libertar a imaginação portugueza do jugo do *Feliz independente*, da *Constante Florinda* e do *Allivio dos tristes*, que tanto deliciaram na sua insondavel semsaboria os nossos antepassados. O novo escriptor elevava-se á naturalidade da situação, ao realismo dos typos caricatos, dando largas a descripções pittorescas e considerandos sarcasticos, de que o romance *O que fazem mulheres* é um modelo do genero.

Camillo em 1876

A capacidade do artista ia ser transformada pela paixão amorosa; em 1857 tinha começado a intriga de galanteio com D. Anna Placido, de uma familia conhecida do Porto, de que resultou um processo por adulterio, a prisão dos dois amantes, uma separação conjugal judiciaria, e a união dos dois através de uma vida tormentosa até á morte. Desde 1858 até á prisão em 1860, Camillo apenas escreveu as *Quatro horas innocentes*, as *Lagrimas abençoadas*, e *Purgatorio e Paraizo*, dramas. Quando instauraram o processo criminal, Camillo em um estado de exacerbação nervosa sae do Porto, em maio, pensando tranquillisar-se na aldeia de Samardam; a agitação, que sempre o dominou, lança-o na instabilidade, vae para Guimarães, vae para Fafe, para Villa Real, e por fim regressa ao Porto em setembro para recolher-se á prisão. N'esta situação nova da sua vida, Camillo desenvolve uma sentimentalidade dolorosa, que predomina em todos os romances da sua segunda maneira. Na prisão soturna da Relação do Porto, d'onde saiu depois de julgado e absolvido em 17 de outubro de 1861, Camillo buscava a distração e os recursos de subsistencia nos trabalhos litterarios, traduzindo romances, escrevendo folhetins, e os pequenos contos *Doze casamentos felizes*, com os romances originaes *Annos de prosa*, o *Romance de um homem rico*, que elle mais estimava entre as suas producções, e o *Amor de perdição*, que elle profundamente sentiu, escrevendo-o em quinze dias.

Depois do julgamento, Camillo achou-se moralmente ligado á mulher que o seu talento litterario deslumbrara: agora tinha casa e familia a sustentar; lançou-se á actividade sem plano, produzia romances para fazer receita; a Casa Moré, a empreza do *Commercio do Porto*, os livreiros Pereira, Campos, de Lisboa, compravam-lhe a producção, muitas vezes ainda em plano. Em 1862, sob essa pressão, publica as *Memorias do Carcere*, o *Coração, Cabeça e Estomago*, *Cousas espantosas*, *Estrellas funestas*, as *Tres Irmãs*, brilhando acima de todas o *Amor de perdição*, em que desenvolve uma tradição da sua familia, que lhe revelava a nevrose hereditaria. N'esta angustia, pensou em ser empregado publico, e foi a Lisboa; Herculano repelliu-o por causa do processo do escandalo amoroso, vivendo o historiador em analoga situação. Voltou-se então para o romance e fez d'elle muitas vezes, em vez de uma obra de arte um pelourinho, escrevendo a bel-prazer dos livreiros. E' o periodo mais intenso da sua actividade; sómente em 1863 publica as *Aventuras de Basilio Fernandes Enxertado*, *O Bem e o Mal*, *Estrellas propicias*, *A bruxa do Monte Cordova*, *Memorias de Guilherme do Amaral*, *Noites de Lamego*, *Scenas innocentes da comedia humana*, e a *Vingança*. Em 1864 publica o *Amor de Salvação*, *Agulha em palheiro*, *Cousas leves e pezadas*. Em 1865 produz *O esqueleto*, a *Lucta de gigantes* e a *Sereia;* em 1866 a *Engeitada*, o *Judeu*, *A queda de um anjo*, *O Santo da Montanha* e *A doida do Candal*, não ennumerando os livros arranjados dos seus artigos esparsos. Á medida que a edade avançava, Camillo propendia para a erudição historica e genealogica, como o indicam os seus livros *Cavar em ruinas*, *Mosaico*, *Sentimentalismo e Historia*, *Narcoticos* e o *Curso de Litteratura*. Retirando-se para a quinta de S. Miguel de Seide, que pertencia a D. Anna Placido, a natureza campestre não o pacifica; o isolamento despertava-lhe uma sensibilidade mórbida, que se converteu em nevralgias, que o não deixavam demorar-se em um sitio, ora em Braga, no Bom Jesus do Monte, na Povoa de Varzim, no Porto, na Foz, tendo ainda assim como unico allivio o trabalho mental.

A publicação em folhetos *Noites de Insomnia* serviu-lhe para desabafo; virulentas polemicas teve de sustentar contra varios litteratos, provocado

por intrigas, que escriptores mediocres para cevarem as suas pequeninas invejas com a clava do grande escriptor suscitavam, pintando-lhe aggravos imaginarios. Camillo foi por muito tempo victima d'esta desgraçada suggestão, conhecendo por fim o embuste, como o revelou em uma carta a Chardron, e desfazendo repentinamente o odio de vinte annos com o Soneto immortal da *Maior Dôr humana*. Circumstancias imprevistas aggravaram repentinamente o seu constante estado de pessimismo; em uma viagem de S. Miguel de Seide para o Porto soffreu um medonho descarrilamento de comboio, de que escapou por inexplicavel casualidade; d'esse desastre resultou a doença que veiu a terminar pela cegueira.

A morte de uma neta sua, de tres annos de edade, e que era um anesthesico moral, feriu-o de um desalento inevitavel; a loucura irremediavel de seu filho Jorge, e os desvarios perdularios de Nuno, seu primogenito, acabaram por precipital-o em um desespêro, que lhe suggeriu a libertação pelo suicidio. Os amigos acercaram-se d'elle com o maior disvello; procuraram lisongear as suas antigas aspirações; prepararam-lhe uma glorificação litteraria: foi-lhe dado o titulo de Visconde de Corrêa Botelho, votando o parlamento a dispensa de direitos de mercê, em 1885. Nada pacificava aquella alma atormentada. Sob a influencia de seus sobrinhos, que pela politica tinham chegado até onde todo o seu talento fôra impotente, o parlamento concedeu-lhe a pensão annual de um conto de réis pelo reconhecimento do seu merito de escriptor, e n'esse mesmo anno concedeu-se-lhe a sobrevivencia da pensão ao desgraçado Jorge. A preoccupação do suicidio, que vinha de longe, que fulgira nos tempos ultra-romanticos, e que o trabalho dominava, acudiu-lhe ao espirito, e no momento em que soube pela opinião surprehendida a um medico, de que a sua cegueira era incuravel, desfechou um revolver na cabeça em 7 de junho de 1890.

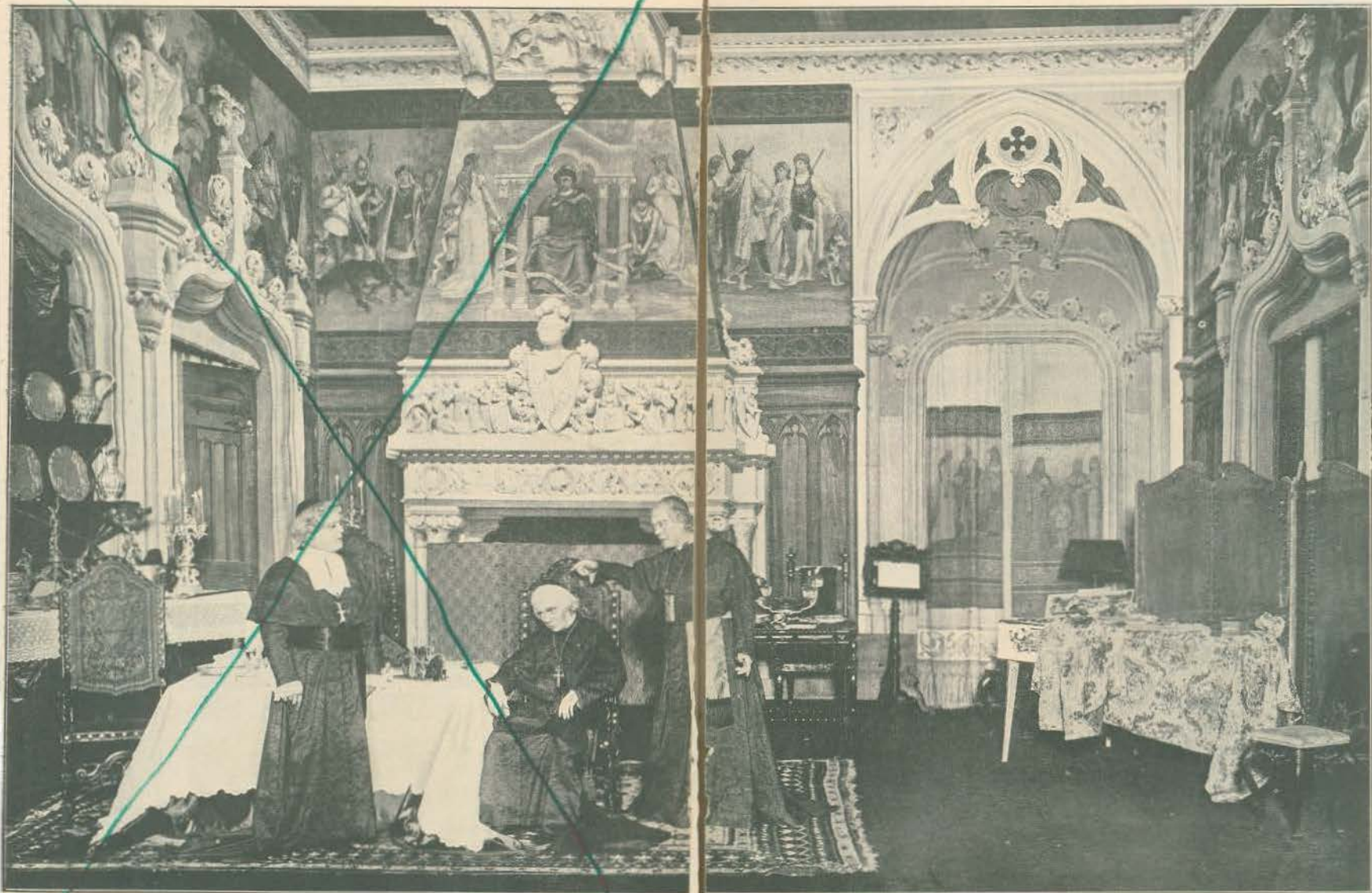
Assim acabou a vida accidentada do escriptor portuguez, que mais emoções descreveu nos seus romances. Embora não possuisse uma visão philosophica para representar as paixões humanas, o seu contacto de larga sociabilidade, e o soffrimento fizeram-no muitas vezes attingir a verdade da naturalidade. Nenhum escriptor portuguez possuiu no seculo findo um vocabulario mais rico do que o seu, podendo sob este aspecto hombrear com José Agostinho de Macedo ou com o Padre Vieira.

Não exerceu uma acção edificativa no seu tempo; e apezar das altas qualidades estheticas, Camillo apparece como um espirito que se agita sem plano em uma época de si perturbada por falta de uma concepção universal e unanime em que se apoie a consciencia.

Entre as reminiscencias pessoaes de Camillo Castello Branco, formam um quadro delicioso as linhas com que descreve as lições que recebera do P. Antonio de Azevedo, e a convivencia com o austero parocho, quando passou os seus primeiros annos na Samardam; indicando-nos os livros que ahi lhe ministravam as primeiras leituras, destaca d'entre elles os *Lusiadas*, e confessa a impressão que lhe deixaram os versos de Camões quando o sentimento poetico lhe era acordado aos doze annos pelo contacto com a natureza, na vida solta e contemplativa dos montes. Uma attracção de sympathia levou sempre o romancista para o grande Epico, como se observa nos seus estudos criticos. Havia uma feição commum que os aparentava — o temperamento, indole ou nevrose que os tornava fautores principaes da sua desgraçada existencia. No Soneto, que começa: — Erros meus, má fortuna e o amor — synthetisa Camões a origem dos soffrimentos que o envolveram; Camillo em uma das suas cartas cheias de desolação reconhece-se o maior inimigo de si proprio. (1)

THEOPHILO BRAGA.

(1) Existem bellos subsidios para o estudo definitivo da obra de Camillo Castello Branco; para os dados biographicos, os livros de Alberto Pimentel *O Romance do Romancista* e *Os Amores de Camillo*; accrescentando-lhes a *Autobiographia* de Camillo, coordenada e annotada por F. Tavares Proença Junior. Para a comprehensão da sua obra pela reflexão do nevrosismo que o impulsionára na idealisação artistica abre caminho o livro de Paulo Osorio, *Camillo Castello Branco* — Esboços de critica. A parte bibliographica acha-se fundamentalmente tratada pelo livreiro editor Henrique Marques no opulento volume da *Camilianna*. Colligidos os centenares de Cartas *ineditas* de Camillo, de que já apresentámos preciosos excerptos, conviria agrupar systematicamente todos os seus romances em um corpo de Obras completas, verdadeiro monumento tendo por base o julgamento synthetico de Camillo.

O gabinete de trabalho de Camillo, em S. Miguel de Seide, no dia do seu enterro

«A CEIA DOS CARDEAES» NO THEATRO D. MARIA

(Photographia á luz artificial, tirada expressamente para a «Illustração Portugueza».)

A EXPOSIÇÃO SILVA GOUVEIA

O esculptor Teixeira Lopes
Estatueta em gesso

O que mais merece notar-se na obra d'esse magnifico artista que actualmente expõe os seus *bibelots*, de bronze, gêsso e *terra-cotta*, no salão da Photographia Bobone, da rua Serpa Pinto, é o fino criterio que presidiu á gestação de toda ella e que, arredando o esculptor das concepções de grande estatuaria, onde talvez a sua aptidão sossobraria, o fez crear entre nós a estatueta de commercio, ao alcance de todos, valorisada por um authentico, bem real, interesse de arte. Algumas d'essas pequenas obras, representando, ora uma figura familiar no nosso meio, ora typos colhidos, aqui e além, com uma acuidade notavel de comprehensão critica, — a par d'uma ou outra timida transigencia com o supposto modo de vêr da maioria, como esses banaes medalhões que pouco valem, — são bastantes para revelar todo um temperamento de commentador ironico, um caricaturista ligeiro, amavel, sentimental um pouco, sem o plebeismo d'um Charlet, o comico jogralesco d'um Bertall, o sarcasmo violento d'um Daumier, o maneirismo galante d'um Devéria, mas com qualquer coisa d'essa graça gentil, amoravel, entalhada toda n'um sorriso discreto, que fez de Gavarni um dos mais encantadores artistas do seu tempo.

O jornalista sr. Marcos Guedes
Estatueta em gesso

O jornalista sr. Oliveira Ramos
Estatueta em gesso

A primeira esculptura, *A parisiense*, *Cão brincando* e algumas outras agora expostas são lindas

O sr. Guedes d'Oliveira
Estatueta em bronze

Mademoiselle N. M.
Estatueta em gesso

(Clichés da Photographia Guedes-Porto)

O sr. conselheiro Hintze Ribeiro
Estatueta em gesso

coisas, cheias de interesse pelo decorativo e pelo realce d'uma arte perfeita e minuciosa; *A doente* e *Saudades* são curiosos documentos da feição sentimental do artista; algumas das suas figuras de personagens em evidencia, como as de Ramalho, de João Ramos e do conselheiro Hintze, são colhidas do natural com uma felicidade notavel. Mas, acima de tudo, essa caricatura em bronze de Eça de Queiroz vale, por si só, como o documento magnifico de qualidades artisticas preciosissimas que seria pena vêr mabaratadas em differente e menos ajustado genero de obra. Quem viu ahi o Eça dos ultimos tempos, n'alguma das suas fugidas até Lisboa, reconhece de golpe a flagrante verdade d'essa estatueta em que o grande romancista nos apparece com aquella elegancia de cabide, a cara chupada, bigode sem força, temporas deprimidas, a boca murcha,

O sr. Ramalho Ortigão
Estatueta em gesso

Eça de Queiroz
Caricatura em bronze

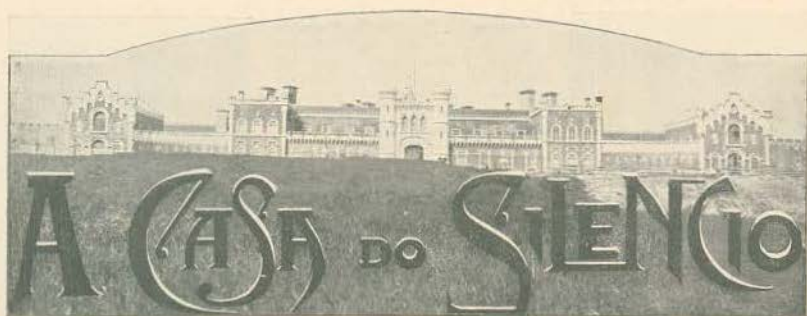
de sorriso rugoso, — um poste de osso suspendendo fios electricos de nervos, — tal como um dia o descreveu a suggestiva prosa de Fialho. E como quer que essa mesma elegancia do grande homem nos diga um pouco da feição dominante do seu genio, até como documento de fina psycologia esse bronze vale e se destaca de entre algumas outras figuretas mais photographicas e incolores que esta exposição nos apresenta.

... Figuretas essas talvez que recolherão um maior numero de suffragios e que representam a transigencia que ha pouco disse, libertado da qual o talento do sr. Silva Gouveia deve e póde dar, para a admiração de nós todos, as mais vivas e interessantes creações de boa arte.

PAULO OSORIO.

D. João da Camara
Estatueta em gesso

Guerra Junqueiro
Estatueta em gesso

(Clichés da Photographia Bobone)

IMPRESSÕES D'UMA DEMORADA VISITA A' PENITENCIARIA

O CARRO CELLULAR — A ENTRADA DA PENITENCIARIA — AS PRIMEIRAS CELLAS — OITO DIAS DE MEDITAÇÃO — NOVICIADO TRAGICO — AS MASCARAS BRANCAS.

Quando a carroça cellular, pesada e sinistra, depois d'um rapido galgar estrondoso pelas ruas, pára nas manhãs diante da fachada grave e muda da Penitenciaria, na estrada barrenta de Campolide, no topo da cidade, os condemnados apeiam, entram no portão de ferro que logo se fecha n'um rude sacção com um aspero rangido, atravessam o pateosinho bem calçado, tristonho e simples, penetram na secretaria e d'ali passam ao severo gabinete do director. Começa desde esse momento a vida da prisão: nas paginas almassas dos registros inscrevem-se mais uns nomes e n'essa historia laconica, summariamente se gatafunha uma serie de dramas em lettra hirta e cuidada com a simplicidade de quem cumpre uma tarefa habitual. Os nomes perdem-nos ali; em troca recebem um numero para manchar o peito da fardeta penitenciaria. A vontade humana, essa força do Ser, acaba; apparece desde logo a machina, o automato.

Cá fóra continua grave e lavada a frontaria com os seus torreões, ficam os altos muros triplices, uma mancha larga do rio que de lá se avista entre collinas que se defrontam, o Castello e o largo da Bibliotheca, com um fundo scenographico de montes sinuados e cheios de vegetação, azas de moinhos que volteiam nos seus cumes e as avenidas largas cheias de vida, onde deslisam rapides os electricos por entre a casaria sumptuosa, alegre e nova. Lá dentro é o corredor comprido e nu, com umas seis cellas cerradas á esquerda e onde elles entram para lhes tosquiarem as cabeças onde germinou o crime e para lhes raparem as faces que enlivedecem. Ao fim d'esse espaço de muitos metros ennegrecem as grades fortes e confusas das alas que vão despejar no observatorio central, onde os reclusos não passam, de cujo centro os guardas podem vigiar com uma simples reviravolta de cabeça o movimento dos tres pavimentos, nos quaes se enjaulam actualmente quatrocentos e sessenta e nove condemnados. E' a entrada da Casa do Silencio. Não se ouve ali o mais leve sussurro de vozes, ha por todo esse enorme espaço uma paz morna que só é quebrada de vez em quando pelos rangidos das portadas fechando-se com o estalo brusco e rude de lousas a ajustarem-se em bocarras de sepulturas.

A hora do passeio

N'esse ambito, já a dentro da prisão, penetram os condemnados que foram das cellas de entrada para as casas dos banhos e d'onde veem com os seus trajos de penitenciarios—de brim amarellado se é no tempo dos calores, de briche forte se calham a entrar no inverno—trazendo ao peito o numero em metal, a chancella do seu estado, e encarapuçados na mascara clara, que os disfarça, e que só deixa vêr os olhos e um leve rasgado da bôcca.

São conduzidos desde logo ás cellas que lhes destinam; fecham-se sobre elles as portas e o cri-

minoso fica a sós com a sua consciencia entre aquellas quatro paredes brancas e uniformes, que teem ao fundo uma janellota por onde passa a luz dos pateos, e onde ha uma mobilia fixa, uns objectos d'anachoretas destinados a uma larga meditação. É a cama pequena em ferro com a sua coberta azul, com as armas reaes como nas casernas, ligada á cabeceira uma taboa que serve de meza e n'um angulo o lavatorio de cobre, a conca para a comida, objectos pobres d'uso quotidiano e no claro da parede um crucifixo de metal e uma prancheta onde se leem as maximas da prisão: os deveres dos encarcerados.

Sectores da penitenciaria vistos exteriormente

Durante oito dias e oito noites, sem terem a menor communicação, como de resto para o futuro, excepto nos dias de visitas e ainda assim falando atravez o ralo do parlatorio, os condemnados são obrigados a isolar-se no seu crime, a revolvel-o, a meditar-o n'aquella solidão, e decerto muitos entre tantos derramam lagrimas e sentem talvez o arrependimento, recordam dias felizes — os que taes dias tiveram — e caem no acabrunhamento diante da sua vida n'aquella cella estreita. Á ilharga d'um homem ha uma prisão com outro, em mais dois andares moram centenares que nunca se conhecerão, que jámais poderão vêr os rostos dos companheiros, como se a lei quizesse com esse recato poupar-lhes a vergonha de se toparem mais tarde no degredo ou á esquina d'uma rua e saberem que tinham vivido annos e annos lado a lado na mesma ignominia.

A prova do rancho

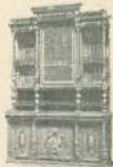
Tres vezes ao dia, n'este tempo ás 7 da manhã, depois ás 11 e de tarde ás 6 e meia, abre-se o postigo da cella, elle colloca sobre uma prancha movel — o proprio postigo que se horisontalisa — a sua tigela de ferro cinzelado que o servente enche de comida e quando a retira sente fechar-se de novo a portinhola e assim fica a remoer a ração e os seus delictos. Nos dias de sol ainda tem o consolo da luz que irrompe pela janella; se é na primavera ainda lhe chegam pelas tardes, todas do mais rigoroso silencio, as lufadas de perfumes das rosas que abrem nos jardimsinhos dos sectores e pode ouvir de vez em vez uma voz d'algum guarda, uma voz humana que se torna querida, tão raras são ali as vozes n'aquella casa da calada. E então se o condemnado é um labroste rude deve recordar com saudade os grandes campos verdes onde brota o trigo, as manchas louras dos bois, as canções dolentes das raparigas na labuta. Elle não póde sequer cantar, não póde mesmo queixar-se em voz alta, da sua garganta não deve sair nem um gemido, porque ali é a Casa do Silencio!

As RONDAS ◎ NOITES DE VIGILIA ◎ O REGIMEN PENITENCIARIO ◎ O ETERNO SILENCIO ◎ A ACÇÃO DA CADEIA ◎ URBINO DE FREITAS, MARINHO DA CRUZ, O «BIGODE», O CABO 115.

Pela noite ouve a marcha egual dos homens que recolhem, o bater dos postigos á hora da ceia, depois mais nada durante um tempo, até que lá a meio do repouso, sôa o passo lento da ronda, á luz vaga do gaz a meia força, e que vae parar ás portas a erguer a tampa do oculo por onde se espreita para o interior da cella onde o homem revolve sempre as suas idéas e o guarda espiona a acção da clausura para annotar tudo, os passeios agitados na casa, os gestos raivosos, as furias rijas e os monologos longos, ou então a calma horrorosa, a fereza extranha, a serenidade perigosa que umas vezes representam a inconsciencia, outras indifferença doentia e algumas (oh! se isto é possivel, que horror e que martyrio) innocencia!

Trabalhos de penitenciarios. Um guarda-prata

Alguns reclusos barafustam, são irasciveis como Marinho da Cruz e Urbino de Freitas, outros guardam a sua tranquillidade, fecham-se na sua serena força como o *Bigode* e como o cabo 115 da guarda municipal, que matou os officiaes no quartel da Estrella.

Os dois primeiros, homens educados, um saido das escolas scientificas, habituado aos respeitos, o outro feito nas aulas superiores,

ensinado a commandar, mal poderiam soffrer essa vida automatica que se lhes impunha; os outros, um ignorante e rude, condemnado diante d'umas provas que o publico mal acceitou; o 115, devorado por uma epilepsia marcada, em cuja aura fez o crime e a correria louca pelas ruas para o narrar na redacção do *Seculo*, definidamente doente ao cair de chofre no tribunal, affeito a ser mandado, tornado machina antes de ser penitenciario, acceitam com calma a sua situação. De resto entre a gente pouco educada que para ali vae, só um ou

Um penitenciario

outro, nevrosado, no limiar da loucura, se revolta.

Urbino de Freitas, n'um dia de maior colera, tomou a pá de ferro onde se conduz o lixo e golpeou as veias. Quando o medico da Penitenciaria chegou, elle encolheu os hombros ao ouvil-o dizer:

—Isso não é de medico! Um homem como o senhor não faz isso!...

Recolheu-se então como uma fera no seu fojo, achou o lenitivo no estudo, encheu cadernos e ca-

Distribuição do rancho

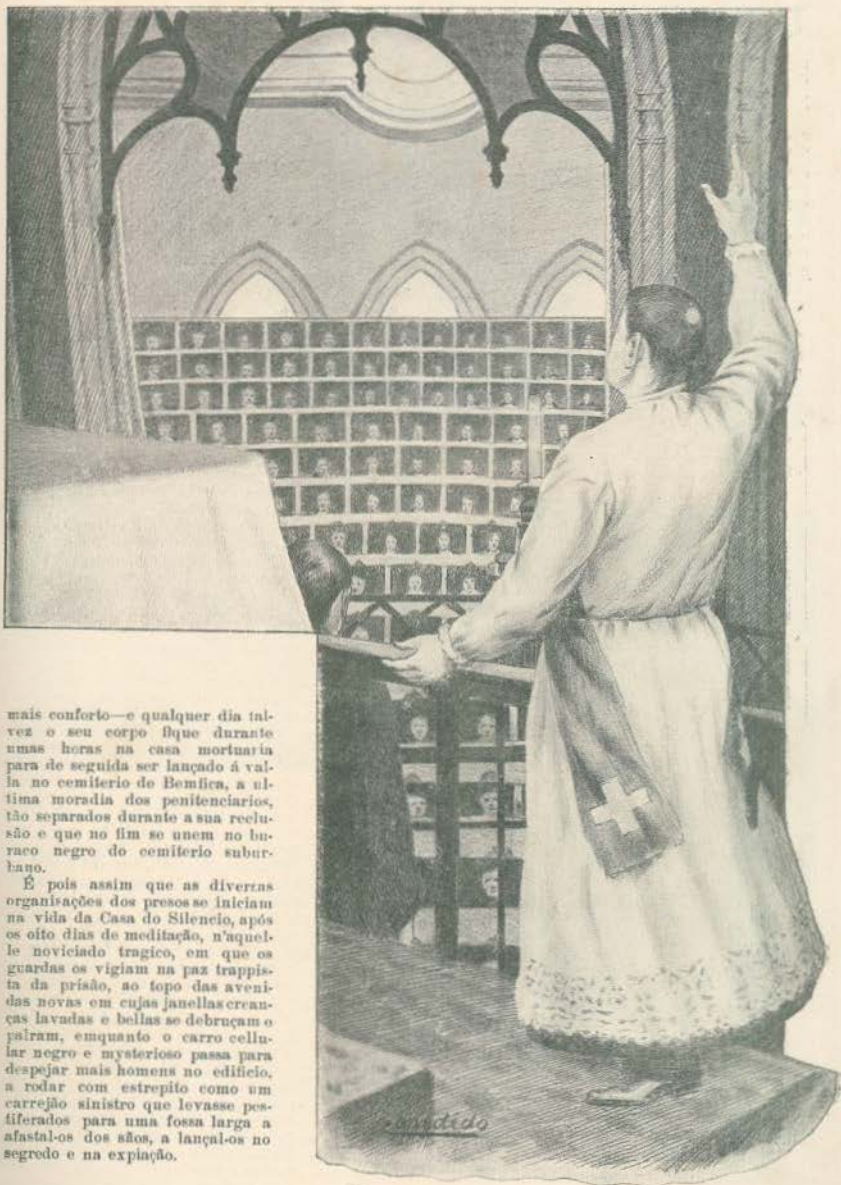
dernos de papel, leu muito e assim passou a vida até que o indultaram no degredo.

Marinho da Cruz, invertido e degenerado por consequencia, teve crises violentas, soltou berros formidaveis, alarmou a Casa do Silencio, depois foi com uma obediencia resignada aprender o officio de encadernador.

Mas o *Bigode*, ou porque tenha a consciencia tranquilla ou porque na sua robustez physica encontre forças para aquella vida, vae engordando na cadeia. Aprendeu a lêr mas frequenta ainda a aula e dias depois de estar recluso, tomou uma apara de madeira na officina de carpinteiro onde trabalha, cingiu-se com ella e ao cabo d'alguns annos de prisão tornou a cingil-a, mediu-se novamente e disse:

—A casa ainda não me deve nada!...

O 115, esse definha-se, entrou com elle a tuberculose—a doença da casa, como a loucura é a enfermidade que ali se desenvolve mais, pois a maioria dos delinquentes já a tem latente no momento do crime—recolheu ao hospital, onde as cellas são muito claras e onde ha

Um guarda

mais conforto—e qualquer dia talvez o seu corpo fique durante umas horas na casa mortuaria para de seguida ser lançado á valla no cemiterio de Bemfica, a ultima moradia dos penitenciarios, tão separados durante a sua reclusão e que no fim se unem no buraco negro do cemiterio suburbano.

É pois assim que as diversas organisações dos presos se iniciam na vida da Casa do Silencio, após os oito dias de meditação, n'aquelle noviciado tragico, em que os guardas os vigiam na paz trappista da prisão, ao topo das avenidas novas em cujas janellas creanças lavadas e bellas se debruçam e palram, emquanto o carro cellular negro e mysterioso passa para despejar mais homens no edificio, a rodar com estrepito como um carrejão sinistro que levasse pestiferados para uma fossa larga a afastal-os dos sãos, a lançal-os no segredo e na expiação.

A pratica na capella

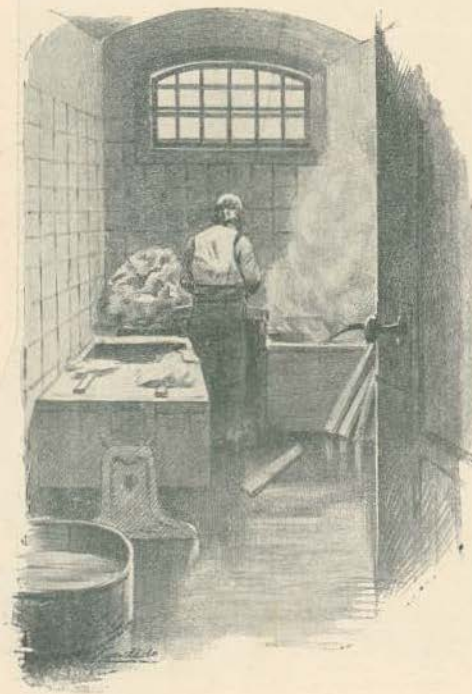
UMA MISSA NA PENITENCIARIA — AO TIRAR DOS CAPUZES — OS ESTYGMAS DOS PENITENCIARIOS

Nos domingos luminosos, todos sussurosos cá fóra, balburdeantes de gente que parte para o campo, para a beira da agua, quando soam vozes contentes e no espaço se atiram as notas estrondosas das musicas que passam á frente dos regimentos para as missas, n'uma feeria de luz, n'um ruidoso movimento, lá dentro da Casa do Silencio tilinta a sineta a quebrar a paz gelada das alas e a chamar os presos para a pratica moral e para os officios divinos.

Já a meio da capella elevada no amphitheatro enorme onde as alas conduzem, está o sacerdote revestido.

A fachada do hospital novo

A claridade é ali mais viva, mais intensa, desce pelos vitraes da capella, esbate-se nos emblemas sacros que a rodeiam, lequeja depois sobre o altar e assim innunda o amphitheatro rodeado de cellas sempre isoladas, como alveolos d'um favo colossal onde os homens devem penetrar. Faz-se um mais demorado silencio; depois ouvem-se uns silvos á entrada das alas e então tem-se um arrepio diante do que se vê.

Das cellas, n'um mesmo movimento rapido e automatico surgem os penitenciarios; são como um rebanho mudo, apparecem com os seus trajos eguaes e com as suas mascaras, que lembram caveiras muito paidas onde se cavam os olhos e as bôccas se profundam e tudo aquillo marcha n'uma andadura macabra, fazendo gestos machinaes de continencias aos guardas que os vigiam. São muitos, umas centenas de cada vez, rompem de todos os pavimentos, saem de todas as cellas, avançam como animaes domesticados n'um circo e pela disposição da casa aquella turba mascarada revoltêa a dar-nos a impressão d'um exercito de penitentes levado n'um rodopio para o mesmo logar. Os guardas já estão uns á entrada de cada nucleo de cellas, outros cá de cima como em pontes de commando. Abrem-se e fecham-se com estrepito as portas, ouve-se um batucar constante das corrediças e d'aquelles casulos surgem lado a lado, mas sem se verem, os homens com as suas mascaras brancas que lhes dão o ar de mortos, de rostos carcomidos a espreitar.

Um lavandeiro na cella

Quando se fecha a ultima porta, silvam de novo os apitos, ha um movimento lesto de braços, as carapuças são arrancadas e o padre começa a predica que nenhum decerto comprehende. E esses rostos?!

Ha ali novos e velhos, rapazes que assassinaram, velhos que roubaram, ha os incendiarios e os parricidas, os falsificadores e os ladrões d'estrada, mizeraveis e doidos, tarados de toda a especie, gente que se tuberculisa e endoidecerá, todos condemnados, todos acorrentados a um ruim destino. E apparecem as suas cabeças tosquiadas, as caras rapadas, quasi eguaes, como seres vasados no mesmo molde. Ha uma pallidez em todos os rostos, uma inexpressão em todos os olhos e adivinha-se ali, n'aquellas naturezas, na sua maioria feitas de virilidade, o abatimento causado pela ausencia da mulher — a maior condemnação do penitenciario — que o deprime, o enfraquece, o aniquila, o enlouquece, o mata!

Estão ali e não se vêem uns aos outros; ha rostos que causam pavor, olhares que brilham mas logo se apagam; nenhum sorri — o riso ali acaba com a mudez — e emquanto o padre fala elles deixam voar as idéas, recolhem-se n'ellas, relembram talvez as familias uns, o seu crime outros, a liberdade todos; e alguns teem olhares fixos e idéas confusas, prodomos de doidice nas contorsões dos rostos. Depois diz-se a missa; a luz inunda sempre a capellinha branca, um orgão geme, derrama notas de canticos sacros, e elles ali estão, ouvem o signal de levantar a Deus e nenhum ajoelha porque a caixa é estreita e todos devem lá estar quietos, hirtos, mudos. Se algum ora é mentalmente, nos rostos não se lê a paz, ha sempre a inquietação; um rapazote amarellento e baixo de quando em quando olha para o tecto como se quizesse vêr o ceu; um velho alcachinado fecha os olhos e a missa decorre, o padre faz mesuras ao altar e o orgão extingue o seu cantico, a capella fica por momentos toda vibrante. Silvam os apitos, emfiam-se as carapuças, abrem-se as portas com o mesmo estrepito e elles lá marcham da forma habitual a fazerem continencias machinaes, a entrarem nas cellas cujas portas se fecham, com mais um domingo na sua vida, um domingo de recolhimento na prisão, a enveredarem — diz-se e pensa-se — para a regeneração!

O PARLATORIO ◎ O DOMINGO NA CASA DO SILENCIO ◎ AS OFFICINAS ◎ TRABALHOS DE PENITENCIARIOS ◎ OS LAVANDEIROS E OS PADEIROS ◎ OS TABADOS ◎ OS PASSEIOS

Na Casa do Silencio, ao domingo, a calada é maior. Só do parlatorio veem, por vezes, vozes que são notas perdidas no grande ambito da Penitenciaria.

Esse logar, onde de quinze em quinze dias vão os parentes vêr os presos atravez d'um ralo, é um logar estreito, dividido interiormente em cellas fechadas e exteriormente em separações abertas e d'onde se pode falar. Um guarda passeia sempre nos corredores tanto interiores como exteriores e sob essa vigilancia se passam as conversações sem que se possa trocar um beijo ou apertar as mãos, vendo-se os interlocutores atravez do ralo onde tantas lagrimas teem corrido.

Um penitenciario na cella, durante o periodo de meditação

E quando adoecem gravemente, os parentes mais chegados pódem vêl-os no hospital e sempre na presença d'um guarda. Nas aulas ouvem o professor e não lhe respondem, o desenho fazem-no nas cellas e os officios apprendem-nos tambem no mesmo isolamento, no pavimento inferior onde de tantos quartos fechados sae um rumorejar de labor que é sinistro. Não teem como os outros trabalhadores o oasis d'uma chalaça no meio da tarefa, a compensação d'uma palavra amiga ou d'um elogio quando acabam o trabalho. Ha ali officinas de todos os generos; os sapateiros, os encadernadores, os alfaiates, os escoveiros, trabalham nas cellas onde dormem; os outros que teem

Uma ala das prisões

misteres de maior movimento ficam n'esse pavimento inferior durante o dia. Ali a luz é mais diffusa. Ao centro estão as obras grandes que os mestres acabam, nos lados ha as cellas onde o torneiro vae pedalando no seu torno, fazendo pés de mezas e enfeites de mobiliario, segurando a ferramenta e vendo as delgadas fitinhas de madeira a revoltear; o entalhador vae seguindo os moldes que outros desenharam e trabalhando ornatos para mobilia; n'uma outra cella o polidor vae pulindo as camas Luiz XV onde talvez se deitarão noivos, os aparadores magnificos que hão de servir em festas, as commodas e as cadeiras, as secretarias e as mezas de jantar, todo o trabalho em verdade perfeito que elles executam no seu mutismo, dentro das cellas, bem aferrolhados, lidando horas e horas, tendo um salario que a administração divide em quatro partes: uma para o preso, outra para a familia necessitada, outra para a parte lesada — o que raramente se dá — e a outra para o Estado.

E elles são assim homens de misteres diversos sem terem gosos, só tendo trabalhos. O seu unico goso é o passeio d'uma hora por dia nos sectores em pequenos talhões isolados, sempre vigiados de um observatorio pelos guardas. Ali tiram as carapuças; muros altos separam-nos, o mesmo silencio reina e pódem então fumar o seu cigarro n'essa hora, a unica em que isso se lhes consente. Nos dias de sol olham o ceu, quando chove amodorram, ficam junto ás paredes e por todo o vasto edificio tanto esses talhões de regalo, como os jardimsitos juntos, como os caminhos da ronda que circumdam o edificio são eguaes, inteiramente eguaes. Ha uma egualdade tão perfeita que é monotona e esmagadora. Se um d'aquelles homens quizesse fugir perder-se-hia no edificio tão egual elle é, endoideceria como se se julgasse perseguido n'uma casa e correndo estivesse sempre no mesmo sitio. Mas a fuga d'ali é impossivel. Além da segurança das cellas, do movimento das saidas bem verificado por um relogio de revisão, dos triplices muros altaneiros entre os quaes ha cordões de sentinellas, conta-se com o quebrantamento do preso após uns annos de reclusão ali.

É vel-os. São um rebanho. Nas cellas de trabalho são uns automatos. Em baixo, n'uns corredores escuros, ha os lavandeiros que durante horas fazem a sua tarefa isoladamente; do lado opposto os padeiros que amassam a farinha no mesmo isolamento e quando por acaso se topa algum de rosto descoberto é sempre a mesma tez macilenta, o mesmo olhar velado, o mesmo cerramento de labios que não sorriem ha muito e o eterno gesto machinal da continencia. O lavandeiro como o padeiro, como os d'outros misteres labutam e isso é uma distracção; ha até um serralheiro no seu canto, com a sua forja, com a sua bigorna e que bate com o martello como se sentisse n'aquelle tilintar uma musica divina.

UMA TRAPPA VERMELHA ◎ O 398 ◎ O HOSPITAL NOVO ◎ AS CELLAS DE CASTIGO ◎ A CELLA ESCURA ◎ A CELLA ALMOFADADA.

Porém outros mais desgraçados ainda, — até, ali ha differença — não pódem trabalhar. São os epilepticos que se ferem com as facas dos officios sendo necessario tirar-lh'as, os nevropathas com demoradas manias, os que não pódem vêr um ferro sem fazerem d'elle um mau uso.

Então, se ainda teem forças empregam-nos nos trabalhos auxiliares e vemol-os ao longo dos corredores, de capuzes descidos, curvados a lavar e a varrer, porque todo o penitenciario deve tratar da sua cella.

No hospital novo, onde ao menos ha claridade viva e a mesma paz morna do resto do edificio, emprega-se um velhinho — o 398 — que tem o ar bonacheirão, os olhitos vivos, um atarracadote que á força de não falar parece ter os labios pregados um ao outro. É diligente e sereno, já sabe que acabará ali; vê na Casa do Silencio o asylo como um desditoso vê no convento da Trappa um refugio.

Um livro illuminado pelo «Mineiro»

◎

Á entrada d'uma ala ha quatro cellas onde passa um veio; em cada uma entra um homem e todos sem mais contacto que o d'esse ferro fazem mover a bomba que dá a agua a todo o edificio. Em baixo, no pa-

vimento inferior são as cellas do castigo, umas seis ou oito. Os que ali entram são privados de fumar, do trabalhar, de serem visitados e se reincidem é então a cella escura que os espera. E' egual ás outras, só a luz é menor porque a fresta por onde ella entra não passa d'um quadradinho que ainda assim tem grades; ao fundo fica a cella almofadada.

—Para que serve essa cella?!

E a resposta é curta, singela, laconica mas eloquente:

—Para algum doido!...

TRABALHOS DO MINEIRO ⊛ A SAIDA D'UM PRESO ⊛ AS RUAS NOVAS ⊛ DA AVENIDA DA LIBERDADE Á CASA DO SILENCIO.

Atravessando por todos os lados a cadeia, passando nas alas, descendo ás officinas, caminhando no circuito das rondas, sempre no mais cabal silencio, traz-se da Penitenciaria a impressão de que esse regimen mal póde regenerar e muito contribue para o desarranjo mental e para o enfraquecimento do recluso. As duas grandes doenças penitenciarias são a loucura, que já vae latente n'esses condemnados, pelo menos n'uma parte grande, e a tuberculose que ali se deve adquirir pela debilitação e pela falta de movimento, de luz, de sol e de ar.

Aquelle trabalho feito assim na solidão, a vida automatica que levam, tudo isso atrophia esse animal humano feito para os grandes movimentos e para as grandes e variadas sensações. E por isso os reclusos da Casa do Silencio teem aquelle ar abatido, aquella andadura machinal, essas figuras estranhas que apavoram quando as topamos ao longo dos corredores na sua fileira distanciada. Após umas horas de visita no recinto ha um desejo enorme de sair e pensa-se no que será o condemnado que ali se demorou annos, no dia em que o chamam á secretaria, lhe dão o dinheiro ganho na calada e no castigo, lhe entregam um fato para que se vista e o acompanham até ao portão.

Na sua retaguarda ficam os outros, os companheiros que nunca conheceu, a quem jámais falou. Pódem ali estar um pae e um filho que não se verão jámais; ficam as cellas e as officinas, as casas de castigo e o hospital — o sitio mais alegre da prisão, como uma ironia — ficam as secretarias onde se guardam os seus trabalhos, alguns de valor, como os do Mineiro — uma linda pasta e um soberbo desenho á penna — ficam os guardas e fica a sua força, a sua intelligencia, a sua vontade. E' um cadaver galvanisado que as mais das vezes se restitue á sociedade, que se colloca além do portão e se manda caminhar para a cidade que elle vê cheia de sol, a emergir como n'um sonho ante a sua vista turvada, com o seu movimento que o apavora, uma cidade desconhecida cheia de avenidas, com claraboias reluzentes, e que vae atravessar, cheio de medo, a sentir atraz de si o eterno guarda, a recear muito d'aquella liberdade, a vêr as mulheres que passam n'um doce quebrar de quadris, a sentir-se emfim livre e preso, a apalpar-se, a ter medo, a ser finalmente como uma alma cega diante d'uma terra onde ha amores que se leem nos olhos, pombos que vôam, felicidades que se edificam e onde elle vae entrar para ser um inutil, um condemnado á morte de todas as suas aspirações.

E se acaso se volta, julgando-se ainda guardado, póde vêr, das ruas ruidosas, o edificio em fórma de estrella, com os seus muros altos, com a sua fachada grave, além diante da Avenida da Liberdade — o vulto da prisão, a vasta e gelida *Casa do Silencio*.

ROCHA MARTINS.

A cella de trabalho d'um padeiro

II

OS CAES DE ALCANTARA E OS ARMAZENS DE LISBOA

O que seriam os caes de Lisboa para serviço do porto nos termos em que ficaram descriptos?

Supponhamos que tendo tomado um automovel de praça vamos para Alcantara junto do ante-porto.

Innumeros cruzamentos de linhas ferreas e de agulhas de desvio circuitavam toda a doca de Alcantara e a de Santo Amaro, fortemente ampliada.

Para atravessar aquelle emaranhato de linhas estabeleceram-se transportadores aereos que conduziam os passageiros aos diversos caes de mercadorias. A numeração dos caes condizia com a das carruagens transportadoras. As côres das carruagens eram eguaes ás que nos caes estavam desenhadas na grande planta que se encontrava logo á entrada da estação. A planta dos caes do porto de Lisboa vendia-se por toda a parte a dez réis, embora admiravelmente desenhada, primorosamente colorida e com todas as indicações tão exactas e tão claras que ninguem precisava de perguntar coisa alguma. Havia edições estrangeiras, em todas as linguas do universo.

Cada um dos caes, em grandes lettreiros, indicava em portuguez, francez, inglez e allemão a mercadoria para que era destinado. Sem uma hesitação, cada um podia facilmente, e sem perder tempo, dirigir-se para onde necessitava.

Não era comtudo a estação de Alcantara a de classificação. Essas eram privativas de cada uma das linhas ferro-viarias que convergiam a Lisboa. Os vagons, á chegada a Alcantara, já vinham distribuidos, iam-se destacando do comboio á medida que se encontravam nos respectivos caes.

Com o traçado das linhas, estudado cuidadosamente, a locomotiva, que tinha ido deixando os vagons, engatava-os por ordem inversa d'aquella porque os largára para successivamente os abandonar junto dos caes, onde recebiam outras mercadorias; de maneira que raro era sair do recinto do porto de Lisboa um vagon sem carga. Todos vinham carregados de mercadorias produzidas no paiz ou no resto da Europa e todos saíam carregados de productos e materias primas vindas da Africa, da America, da Oceania, do extremo oriente asiatico, das costas de oeste da Europa.

As linhas ferreas de serviço do porto tinham-se ramificado e distribuido de tal maneira em roda da doca de Alcantara que tinha sido preciso prolongal-as muito para além do local onde se encontra agora a Cordoaria Nacional.

Este edificio pombalino transformara-se em armazem de mercadorias e secretaria para o serviço do porto.

A doca de Belem, muito ampliada, applicava-se aos carregamentos de productos agricolas do paiz. Era por aquella doca que se embarcavam os fructos temporãos que iam abastecer os mercados de Paris, de Londres, de Berlim. A producção era tão abundante e por tão baixo preço que os hortelãos das grandes cidades do norte tinham sido obrigados a pôr de parte os systemas de cultura forçada de que usam actualmente.

Os telheiros e angares distribuiam-se profusamente entre todas aquellas linhas ferreas. Todos elles eram de construcção muito leve, munidos de caes á altura das plataformas dos vagons, dotados de linhas Decauville para serviço das arrecada-

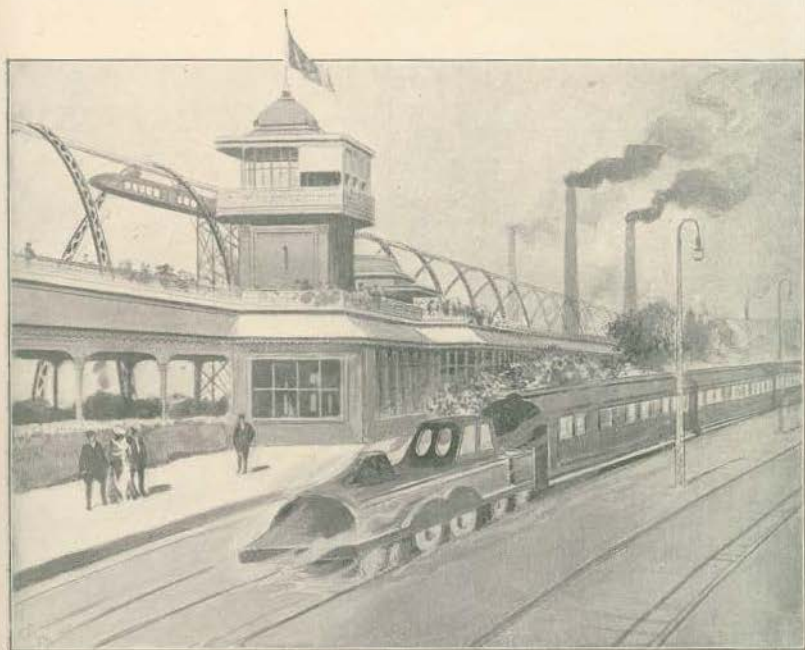
dações. Os vagonetes Decauville eram movidos por electricidade ou pelo systema de ar comprimido, ainda em ensaios, mas que promettia já resultados maravilhosos.

Em todos os armazens se encontravam guindastes moveis, percorrendo carris assentes junto da armação dos telhados, e cuja manobra explicaremos quando virmos como funccionam aquelles estabelecimentos.

E como estamos exactamente no caes que corresponde ao armazem dos azeites de Castello Branco, não é fóra de proposito entrar n'elle.

N'um botão electrico e sem demora appareceu um empregado do armazem.

Meia duzia de palavras trocaram um com o outro, entraram n'um camarote telephonico munido de dois apparelhos receptores e de um telephotographico aperfeiçoado.

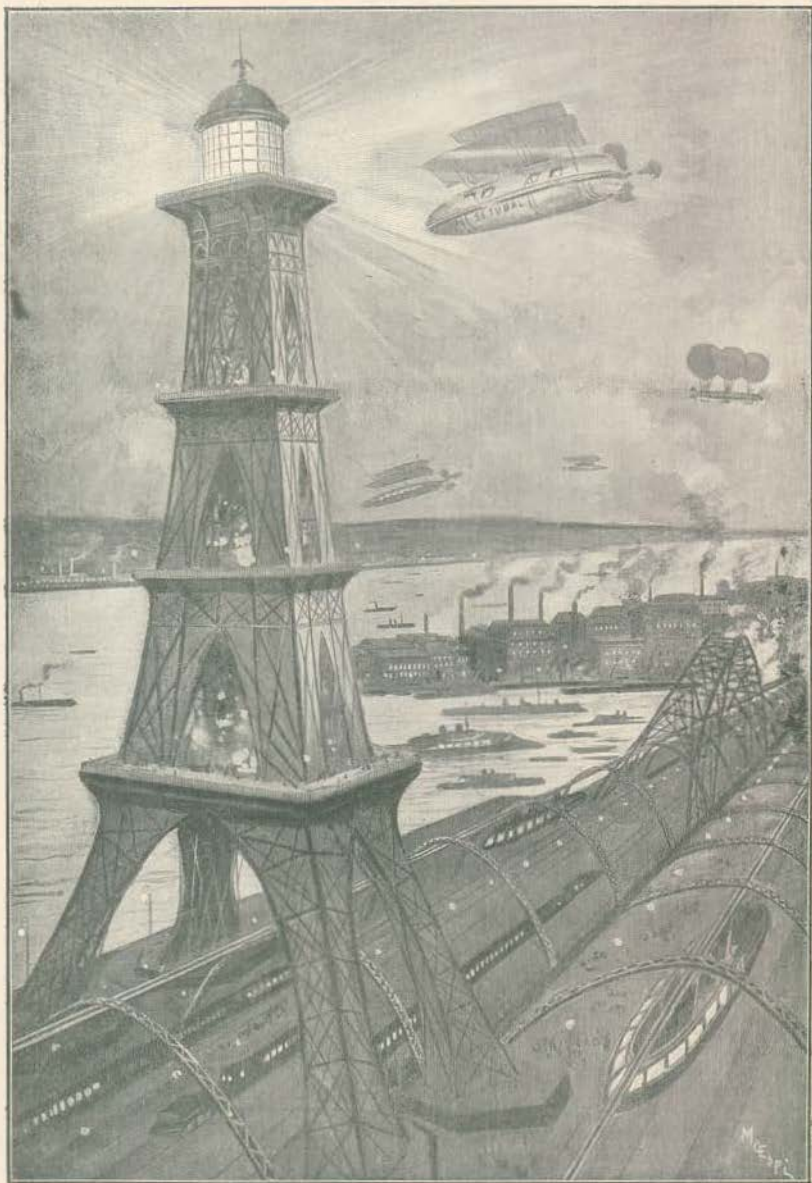
Junto d'estes apparelhos estava um quadro com tres aberturas, ao lado esquerdo de cada uma das quaes se líam os algarismos 10, 20 e 30 e do lado direito 5 réis, 10 réis e 15 réis. Conforme os minutos durante os quaes se queria conversar assim se deitava na abertura correspondente a impor-

Para atravessar aquelle emaranhado de linhas estabeleceram-se transportadores aereos, que conduziam os passageiros aos diversos caes de mercadorias

Um norte americano, alto, magro, de barbicha ruiva percorre o caminho deixado entre as pipas. Lê attentamente o quadro que está no tampo de cada uma d'ellas e esse quadro é digno de attenção. Indica a data da colheita, o resultado da analyse e o *stock* á venda. A' entrada do armazem dava-se a tabella da cotação da vespera, designando a totalidade das transacções effectuadas, as offertas, os ultimos pedidos telegraphicos, em summa todas as indicações que podiam esclarecer as transacções a effectuar.

O nosso americano consultou repetidas vezes a tabella da cotação e os quadros que estavam nos tampos das pipas, tomando notas n'uma pequena cadernета. Lá parou em frente de um lote, tocou

tancia indicada. A queda da moeda estabelecia a communicação com a central.

O empregado do armazem disse dois algarismos e logo sem demora appareceu no quadro telephotographico a imagem do vendedor, ao passo que, no escriptorio d'este, o comprador via o nosso americano. Estas photographias a côres eram de perfeita exactidão e davam todos os movimentos que os dois contractantes effectuavam, a distancia talvez de kilometros um do outro.

Por cima do transmissor telephonico, logo que se estabeleceu a communicação, appareceu um numero de ordem, a designação do mez, dia, hora e minuto em que se iniciou a conversa e logo um apparelho registador constituido por dois cylin-

Onde comtudo se podia bem presenciar a labuta de todos os cães era de uma torre de aço com a forma de solido de igual resistencia, de base quadrangular e de 350 metros de altura...

dros de eixo horisontal começou a registar aquellas indicações e as palavras trocadas entre os dois contractantes. Eram phrases breves, telegraphicas até, taes como: *Entrega immediata? Sim. Pagamento em cheque sobre a Caixa Geral Agricola.*

Por fim o contracto fechou-se. Testemunha muda da conversa até então, o empregado do armazem abrindo a vigia do apparelho registador de contractos destacou d'elle o rolo de papel em que a conversação foi registada por meio das vibrações da placa telephonica, passando-o para um phonegrapho, que ia lentamente repetindo tudo quanto registára, quer na transmissão, quer na recepção, ao passo que o empregado escrevia á machina o que ia ouvindo segunda vez. Como a machina de escrever estava ligada com um registador no escriptorio do vendedor ali se iam reproduzindo as lettras traçadas no camarote do armazem, de maneira que ambos os contractantes podiam ir lendo as clausulas do contracto. Se, antes de o encerrarem, fosse preciso fazer qualquer aclaração, uma campainha electrica especial avisava e voltava a trabalhar o registador telephonico. Lavrado o contracto n'uma unica folha de papel continuo, foi collocado sobre uma placa de selenio, onde com uma penna especial, ligada a uns fios de cobre muito finos, o americano traçou o seu nome, que foi reproduzido automaticamente no duplicado do contracto no escriptorio do vendedor e, por seu turno, emquanto aquelle assignava em casa, a penna ia reproduzindo a assignatura no contracto lavrado no camarote. Por fim, a assignatura do empregado que escreveu o contracto authenticou-os a ambos, ficando para archivo tanto no armazem como em casa do vendedor o registo telephonico.

O contracto que acabamos de vêr lavrar effectuou-se com um vendedor que estava a 86 kilometros de distancia do armazem onde se encontrava o comprador. Toda a transacção fizera-se em quatorze minutos e a sua importancia era superior a cincoenta contos de reis.

Se a transacção se não realisasse, entregar-se-hia ao comprador a folha do registo telephonico, não ficando no armazem mais do que a nota do numero de ordem, das datas e dos preços de offerta e de pedido, para figurarem na mercurial do dia seguinte.

Assignado o contracto, o comprador passou ali logo um cheque e saindo do camarote voltaram elle e o empregado para o sitio do lote comprado, sobre o qual ficára uma placa indicando o numero da cabina onde se estava transaccionando. Aquella placa appareceu ali logo que se abriu a porta do referido camarote que communicava por fios electricos com a mencionada placa.

Qualquer comprador que pretendesse o mesmo lote só poderia avisar pela linha telephonica geral que não contractassem sem o ouvir, sabendo assim o vendedor como lhe cumpria proceder.

O empregado do armazem deslocou a placa e logo o guindaste suspenso da armação do telhado veiu parar por cima d'este, trazendo comsigo dois homens que rapidamente desceram pelas proprias lingas.

Começaram então lingando as pipas e logo que cada uma estava convenientemente disposta para ser içada, puxaram por um cabo que fazia girar o guindaste até o collocar na prumada de um vagonete Decauville. Então um machinismo especial communicou com as engrenagens do guindaste e começou o descenso da pipa de maneira que ficou cuidadosamente assente sobre o vagonete.

Premindo uma alavanca, impelliam-se os vagonetes carregados, á medida que vinham correndo outros para receberem carga. O fiel do armazem era quem manobrava aquella alavanca, que tambem actuava uma machina registadora consignando o numero de vagons que saíam para a bascula, onde se dava novo registo automatico do peso. Tambem o guindaste registava e totalisava os pezos e os volumes que removia.

De vinte e quatro em vinte e quatro horas, vinha um inspector colher os registos e, por uma simples subtracção entre os totaes saidos e as entradas, conhecia-se a existencia em armazem, que logo era communicada á praça, dando assim logar ao regulamento das transacções.

O processo administrativo seguido nos armazens geraes como o que acabou de se examinar era extraordinariamente simples.

Cada productor mandava para o armazem a mercadoria ou o annuncio apenas de que a tinha em deposito.

Conforme estes dois casos assim se regulavam as operações de compra e venda, mas havia toda a vantagem em depositar as mercadorias no armazem geral, por este garantir a genuidade do producto.

De facto, logo que a mercadoria entrava em armazem, era examinada chimicamente e, segundo o resultado da analyse, assim se classificava conforme o typo que melhor lhe convinha. Poucos eram elles e demais eram lotadas muitas mercadorias com outras de outros productores, para darem certos typos exigidos no mercado, ou pelo comprador. As tabellas de analyse permittiam calcular os typos alludidos e por isso muitos compradores mandavam effectuar ali mesmo trasfegos por empregados seus, mediante pagamento de uma taxa especial, saindo dos armazens geraes productos cuja composição constituia segredo commercial. As mercadorias assim tratadas eram garantidas pela apposição do sello do armazem geral, por isso que só se podiam fazer essas misturas com productos depositados em armazem.

Quando as lotas eram feitas por conta da administração do armazem geral, avaliavam-se os productos fornecidos, creditando-se ao respectivo fornecedor. Como este tinha fixado o preço de venda, que podia fazer variar como melhor entendesse, mas que era affixado conjunctamente com o quadro da analyse, facilmente se liquidavam as transacções.

Fixada uma venda, o empregado do armazem geral, pelo facto de lavrar o contracto e receber o preço das mãos do comprador ou uma declaração de recepção da mercadoria, se esta era comprada a prazo, entregava a mercadoria debitando o vendedor pela saida, pela corretagem e pelo aluguer do armazem, cuja taxa era diminuta. Formulada esta conta, expedia immediatamente um boletim para a Direcção Geral dos Armazens do porto de Lisboa, onde consignava o estado da conta, que tinha acabado de soffrer alteração.

Quando a transacção se liquidasse a prompto pagamento, o que sempre se fazia por meio de cheques e nunca a dinheiro de contado, tambem se expedia o cheque juntamente com o boletim.

Todas estas remessass de documentos faziam-se pelo correio pneumatico privativo do serviço dos armazens.

A's seis horas da tarde reunia-se a *Camara de Compensação*, para fixar as transacções realisadas nos armazens geraes e, por meio de simples lançamento em contas correntes, fixavam-se negocios de centenas de contos de réis quasi que sem deslocação de dinheiro amoedado.

Tinha-se demais radicado de tal maneira n'aquelle tempo o uso dos cheques para pagamentos, que os negociantes e industriaes nunca saiam de casa sem levarem comsigo um livro de cheques na algibeira e era com elles que pagavam muitas vezes simples contas de hotel e outras despezas analogas.

O que succedia com o armazem que examinamos dava-se com todos aquelles em que no porto de Lisboa se negociava o assucar, o cacau, a borracha, o amendoim, o pau de sandalo, as lãs, o arroz, os oleos mineraes, a cortiça, n'uma palavra tudo quanto é susceptivel de compra e venda.

Onde comtudo se podia bem presenciar a labuta de todos os caes era de uma torre de aço com a forma de solido de igual resistencia, de base quadrangular e de 350 metros de altura, encimada por um foco electrico para illuminação do porto e dos seus caes, no recinto da estação de Alcantara. Estavam tambem installados n'aquella torre, com tres andares, restaurantes com orchestras primorosas executando musicas de diversos paizes e dos compositores mais em voga.

Os elevadores de serviço transportavam os forasteiros a todos os andares e, á medida que se subia, era cada vez mais deslumbrante o panorama que se desenrolava á vista.

Os vapores e os barcos de vela que sulcavam o Tejo eram innumeros. A par do transatlantico todo de aço, vindo do sul da America ou da Africa oriental, deparava-se-nos o modesto cahique algarvio, com o pellego de carneiro encimando a prôa. Ao lado do hiate de Aveiro ou de Villa do Conde, entrava o cruzador couraçado, que regressava do Baltico. A uma escuna dinamarqueza seguia-se um vapor da carreira d'Africa occidental, um patacho carregado de pozzolana, um lugre com vazilhame, um brigue de recreio, uma galera, com os seus tres mastros carregados de velas quadradas, cheia de fardos de algodão da Nova Orleans; mas o que predominava eram os vapores vindos de Africa, de Java, da Nova Guiné, da Australia, dos portos do extremo oriente, crescendo o trafego á medida que melhorava a travessia do canal de Panamá.

No mais elevado dos pavimentos da torre esfumavam-se as minucias, mas a vista espalhava-se amplamente ao longo do Tejo.

Todos os pavilhões de todas as nações maritimas se tinham reunido no porto de Lisboa e ainda em certos pontos da terra se viam figurar alguns d'elles.

Toda a encosta desde a antiga rua do Terreiro do Trigo até ao sopé do Castello de S. Jorge estava transformada; mas olhando para oeste, via-se o Casal de Alvito e todo o valle de Alcantara cheios de edificações até ás alturas de Monsanto, e, no meio d'ellas, parques e jardins davam uma nota suave por sobre as côres vivas das casas e dos telhados.

Entre Cazellas e Pedrouços tinham pedido os Estados-Unidos 200 hectares de terreno para ali estabelecerem armazens de productos seus, com que contavam fazer concorrencia a todos os similares europeus, em toda a Europa.

Ampliaram a doca de Belem, removeram o gazometro, traçaram largas avenidas e extensas ruas, todas servidas por vias ferreas electricas.

Ali fizeram um bairro commercial, não tocando nem na torre de Belem nem no edificio dos Jeronymos.

A republica Argentina estabeleceu em Lisboa o seu mercado central das lãs e das carnes e as colonias inglezas do Cabo e da Australia e o dominio do Canadá já mandavam indifferentemente os seus productos para Londres ou para Lisboa e não poucas vezes aqui encontravam melhor venda do que em Inglaterra. MELLO DE MATTOS.

O empregado do armazem disse dois algarismos e logo sem demora appareceu no quadro telephotographico a imagem do vendedor